

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA

JULIA MACIEL JAEGER

**A CIDADE NO MUSEU:  
Representações da cidade de Canoas no Museu Hugo Simões Lagranha  
(Rio Grande do Sul, Brasil)**

Porto Alegre

2017

**JULIA MACIEL JAEGER**

**A CIDADE NO MUSEU:  
Representações da cidade de Canoas no Museu Hugo Simões Lagranha  
(Rio Grande do Sul, Brasil)**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre  
2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora Jane Fraga Tutikian

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora Karla Maria Müller

Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefia Jeniffer Alves Cuty

Chefia Substituta Eliane Lourdes da Silva Moro

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA**

Coordenador Eráclito Pereira

Coordenadora Substituta Fernanda Carvalho de Albuquerque

**CIP - Catalogação na Publicação**

Jaeger, Julia Maciel

A CIDADE NO MUSEU: Representações da cidade de Canoas no Museu Hugo Simões Lagranha (Rio Grande do Sul, Brasil) / Julia Maciel Jaeger. -- 2017.

88 f.

Orientadora: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Museu de cidade. 2. Exposição. 3. Canoas/RS. 4. Museu Hugo Simões Lagranha. I. Faria, Ana Carolina Gelmini de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação  
Rua Ramiro Barcelos, 2705  
Bairro Santana  
Porto Alegre - RS  
Telefone (51) 33085067  
E-mail: fabico@ufrgs.br

**JULIA MACIEL JAEGER**

**A CIDADE NO MUSEU:  
Representações da cidade de Canoas no Museu Hugo Simões Lagranha  
(Rio Grande do Sul, Brasil)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 15 de janeiro de 2018

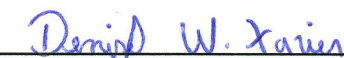
Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

  
\_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dra. Zita Rosane Possamai - UFRGS

  
\_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Me. Denise Walter Xavier - UFRGS

*Dedico este trabalho aos meus pais, Helena e Julio. Pois  
"ainda que eu falasse a língua dos homens e falasse a língua  
dos anjos", sem o amor de vocês, eu nada seria.*

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, em especial aos professores que fizeram parte de minha trajetória acadêmica no curso de Museologia.

À minha estimada orientadora Carol Gelmini, professora que desde a primeira aula se tornou uma inspiração, um exemplo de profissional e de pessoa. Muito obrigado por abraçar comigo essa pesquisa, pela parceria e constante incentivo. Tua sensibilidade e conhecimento fizeram toda a diferença nesse trabalho e na minha formação acadêmica. Foi um imenso prazer ser tua aluna e orientanda.

Às professoras Zita Rosane Possamai e Denise Walter Xavier, por gentilmente aceitarem o convite de participarem da minha banca avaliadora, dedicando tempo e atenção a este trabalho.

Aos funcionários do Museu Hugo Simões Lagranha por gentilmente abrirem as portas da instituição e me auxiliarem no processo investigativo, dando toda a assistência necessária para a realização deste trabalho.

Àquelas que dedicaram um pouco do seu tempo e habilidades para a realização deste trabalho: Júlia Zorrer, pelas fotos tiradas de cada detalhe da exposição do Museu e pelas conversas acaloradas sobre *cidade*, que me proporcionaram outros pontos de vista sobre o tema. Fernanda Barbosa, pela tradução do resumo para o inglês. Agradeço também à minha mãe, Helena, pelo auxílio com as referências e transcrições das entrevistas.

Às instituições que me acolheram nos estágios e projetos de extensão, sendo esses: Museu Joaquim Francisco do Livramento (Centro Histórico Cultural Santa Casa), Museu Hugo Simões Lagranha, Laboratório de Criação Museográfica (CRIAMUS), Museu do Observatório Astronômico da UFRGS. Todas as atividades desenvolvidas nesses locais e os profissionais envolvidos foram essenciais para minha formação.

Um obrigada mais que especial às minhas queridas colegas: Alahna Santos da Rosa, Kimberly Terrany Alves Pires e Thais Guaragna Morales. O “quarteto” que desde o primeiro dia de aula se formou e não se separou mais. Vocês foram essenciais nessa trajetória. Muito obrigada pela amizade, parceria e cumplicidade

que construímos nesses quatro anos e que certamente ainda renderá muitas histórias e projetos.

À minha família: meus pais, Helena e Julio e meu irmão João Pedro. Vocês são a base de tudo o que eu estou construindo. Muito obrigada por me acompanharem pacientemente nessa jornada, me apoiando e sendo meu porto seguro. Eu amo vocês!

*[...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, ental esfoladuras.*

Ítalo Calvino



## RESUMO

O Museu Hugo Simões Lagranha, instituição de Canoas/RS, desde sua criação em 1990 passou por três sedes. A última mudança ocorreu no ano de 2016, quando teve sua exposição transferida para um novo espaço cultural inaugurado na cidade, a Casa dos Rosa. Partindo da concepção desse Museu como um museu de cidade, que se propõe a representar o espaço urbano em que está inserido, este trabalho se propõe a investigar como a cidade se faz presente em duas exposições que o Museu Hugo Simões Lagranha promoveu no ano de 2017, a partir de cada escolha expológica: acervos selecionados, textos expositivos elaborados e recursos expográficos empregados. Para realizar a pesquisa foram aplicadas como metodologia a análise documental (documentos oficiais cedidos pelo Museu, *sites* institucionais, jornais locais, por exemplo), observações *in loco* e entrevistas semiestruturadas com os envolvidos no processo de concepção das exposições. Para o embasamento teórico do trabalho, os conceitos que tiveram destaque foram: *cidade*, *representação*, *identidade* e *imaginário*, dialogando com diversos autores, tais como: Michel de Certeau, Sandra Jatahy Pesavento, Tereza Scheiner, Ulpiano de Bezerra de Meneses e Zygmunt Bauman. O trabalho ressaltou que as exposições analisadas se constituem a partir de acervos vinculados a personalidades de Canoas, evocando narrativas fragmentadas sobre a cidade e reafirmando discursos de poder. Conclui que os museus históricos, entre esses, os museus de cidade, precisam diversificar as narrativas expostas para estarem em sintonia com as demandas contemporâneas dos locais em que estão inseridos.

Palavras-chave: Museu de cidade. Exposição. Canoas/RS. Museu Hugo Simões Lagranha.

## ABSTRACT

The Hugo Simoes Lagranha Museum, an institution of Canoas/RS, since its creation - in 1990 - has passed through three headquarters. The last change was in 2016 when its exhibition was transferred to a new cultural space inaugurated in the city, the Casa dos Rosa. Starting from the principle considering this Museum as a city museum, which proposes to represent the urban space in which it is inserted. This work proposes to investigate how the city is present in two exhibitions that the Hugo Simoes Lagranha Museum promoted in the year of 2017, from each exposition choice: collections selected, expository texts elaborated and expographic resources applied. In order to carry out the research, documentary analysis - of official documents lent by the Museum, institutional websites, local newspapers, for example - was applied as methodology, on-site observations and semi-structured interviews with those involved in the design process of the exhibitions. For the theoretical basis of the work, the concepts highlighted were: city, representation, identity and imaginary; connecting with several authors, such as Michel de Certeau, Sandra Jatahy Pesavento, Tereza Scheiner, Ulpiano de Bezerra de Meneses and Zygmunt Bauman. The work emphasized that the exhibitions analyzed are composed of collections linked to personalities of Canoas, evoking fragmented narratives about the city and reaffirming speeches of power. It concludes that the historical museums - among them, the city museums - need to diversify the narratives exposed, in order to be aligned with the contemporary demands of the places in which they are inserted.

Keywords: City Museum; Exhibition; Canoas/RS; Hugo Simoes Lagranha Museum.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Postal com imagem da Estação de Canoas.....	24
Figura 2:	Chácara dos Rosa.....	25
Figura 3:	Instituto São José em 1930.....	27
Figura 4:	Igreja da Matriz em construção, 1931.....	28
Figura 5:	Panfleto de divulgação de lotes na “Villa Nictheroy” .....	29
Figura 6:	Mapa de Canoas após sua emancipação, 1939.....	32
Figura 7:	Prédio da Prefeitura, 1958.....	34
Figura 8:	Bandeira de Canoas.....	35
Figura 9:	Configuração atual da cidade.....	36
Figura 10:	Prédio da Secretaria da Cultura.....	39
Figura 11:	Detalhe da placa indicando o Arquivo e Museu.....	39
Figura 12:	Matéria sobre a Casa dos Rosa no Jornal “O Timoneiro” .....	42
Figura 13:	Mapa do Parque dos Rosa e Taças da CORSAN.....	43
Figura 14:	Inauguração do Parque dos Rosa.....	45
Figura 15:	Exposição de inauguração do Museu Hugo Simões Lagranha na Casa dos Rosa.....	49
Figura 16:	Planta baixa da Exposição 1.....	51
Figura 17:	Planta baixa da Exposição 1 com disposição dos objetos.....	51
Figura 18:	SALA 1: Sala de Comunicação.....	52
Figura 19:	Linha do tempo.....	53
Figura 20:	Frase de Carlos Drummond de Andrade.....	54
Figura 21:	Frase de Fernando Pessoa.....	55
Figura 22:	SALA 2: Sala Antonia Flório Escobar.....	55
Figura 23:	Vitrine 1: objetos da professora Antônia Flório Escobar.....	56
Figura 24:	Vitrine 2: objetos Barbearia Rio Grande.....	56
Figura 25:	Exemplo de legenda.....	57

Figura 26:	SALA 3: Sala do ex-prefeito Hugo Simões Lagranha, vista à direita	58
Figura 27:	SALA 3: Sala do ex-prefeito Hugo Simões Lagranha, vista à esquerda.....	59
Figura 28:	Texto expositivo, sala 3.....	60
Figura 29:	Cartaz da 11ª Primavera dos Museus.....	61
Figura 30:	Planta baixa da Exposição 2.....	62
Figura 31:	Planta baixa da Exposição 2 com a distribuição dos elementos expositivos.....	63
Figura 32:	SALA 1, exposição <i>Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha</i> .....	64
Figura 33:	Vitrine 1: informativos do Museu e Arquivo Municipal.....	65
Figura 34:	Documentos dos ex-prefeitos expostos na vitrine 2.....	66
Figura 35:	Vitrine 3: Panfletos políticos.....	66
Figura 36:	Reproduções de fotografias dos ex-prefeitos.....	67
Figura 37:	SALA 2, montagem com as fotos da exposição <i>Casa dos Rosa: Fragmentos</i> .....	68

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 A CIDADE DE CANOAS E SEU MUSEU: história, memórias e reflexões sobre <i>museu de cidade</i></b> .....	20
<b>2.1 A cidade:</b> Dos chalés de veraneio ao centro urbano .....	23
<b>2.2 O museu da cidade:</b> Da sua criação a Casa dos Rosa .....	37
<b>3 AS EXPOSIÇÕES DO MUSEU MUNICIPAL HUGO SIMÕES LAGRANHA E AS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE CANOAS</b> .....	46
<b>3.1 Exposição 1:</b> Narrativas fragmentadas .....	50
<b>3.2 Exposição 2:</b> Narrativas de poder político.....	61
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	70
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	73
<b>APÊNDICE A: CARTA DE APRESENTAÇÃO</b> .....	79
<b>APÊNDICE B: DOCUMENTO DE AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA</b> .....	80
<b>APÊNDICE C: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS - SUJEITOS 1</b> .....	81
<b>APÊNDICE D: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS – SUJEITOS 2</b> .....	82
<b>ANEXO 1 - Planta baixa da Casa dos Rosa</b> .....	86
<b>ANEXO 2 - Marcos da linha do tempo</b> .....	87

## 1 INTRODUÇÃO

Canoas<sup>1</sup> é uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, fazendo divisa com Esteio, Porto Alegre, Cachoeirinha e Nova Santa Rita. Desde o início de seu povoamento urbano, iniciado em 1871, o município apresenta algumas fases bem demarcadas no imaginário social acerca de sua tipologia: “cidade de veraneio”, “cidade dormitório” e “cidade industrial” são as três alcunhas estabelecidas por pesquisadores, sendo a de “cidade dormitório” a mais recorrente e lembrada.

Para entender esses adjetivos, é necessário retomar a urbanização da cidade de Canoas, que se deu a partir da transformação de grandes áreas de terras da Fazenda do Gravataí, adquiridas por abastadas famílias de Porto Alegre, tornando-se casas de veraneio. Um desses casos foi a Casa dos Rosa<sup>2</sup>, situada junto a antiga estação de trem, adquirida por Antônio Lourenço Rosa em 1894. A residência é a construção mais antiga de Canoas, hoje em dia localizada no centro da cidade.

Os museus de cidade surgem a partir da necessidade de guardar o passado e as raízes locais, pois o presente e futuro apresentavam a globalização e rápidas mutações. Com a complexidade das cidades na atualidade, englobando as mais diversas relações, culturas e identidades, a categoria *museu de cidade* se torna proeminente, se fazendo necessária a análise destes espaços de memória para que caminhem junto com as mudanças ocorridas no tecido urbano onde se encontram e que justificam sua existência. Essa realidade se aplica também ao museu da cidade de Canoas, o Museu Municipal Hugo Simões Lagranha. Em 1990, o museu do município foi criado, com a missão de salvaguardar os testemunhos materiais produzidos pelos canoenses. Até o ano de 2016, funcionava numa sala do prédio da Secretaria da Cultura do Município<sup>3</sup>.

Em 2015, após um processo de tombamento das antigas edificações da cidade, começaram as obras de restauração da Casa dos Rosa<sup>4</sup> e revitalização do entorno da residência para vir a ser um Parque. O Parque dos Rosa inaugurou no

---

<sup>1</sup> A cidade tem origem com a Fazenda de Gravataí, sesmaria doada a Francisco Pinto Bandeira em 1740. Seu povoamento começa em 1871, com a construção da estrada de ferro que ligaria São Leopoldo a Porto Alegre. Foi distrito do Município de Gravataí até 1939, quando foi emancipada. Distante 13,5 quilômetros de Porto Alegre, atualmente Canoas tem área de 131 quilômetros quadrados e população de 339.979 habitantes, conforme Censo do IBGE de 2014.

<sup>2</sup> Av. Vítor Barreto, 2570 - Centro, Canoas - RS, Brasil.

<sup>3</sup> Rua Ipiranga, 105 - Centro, Canoas - RS, Brasil.

<sup>4</sup> Avenida Victor Barreto, 2186 - Centro, Canoas - RS, Brasil.

dia 10 de novembro de 2016 e atualmente conta com a Casa dos Rosa, edificação que abriga o Museu Hugo Simões Lagranha e quatro salas para exposições temporárias, além de uma cafeteria. O local conta ainda os próprios jardins do Parque, que proporcionam uma área verde no centro da cidade.

Moro em Canoas desde os meus seis anos de idade. Cursei o ensino fundamental e médio no Colégio La Salle Canoas, localizado no terreno ao lado da Casa dos Rosa, sendo comum passar em frente à residência antes de sua restauração e ouvir histórias sobre a mesma. Durante muitos anos, o casarão abandonado e tomado pela vegetação habitou o imaginário de quem não conhecia a sua trajetória.

Ao entrar no curso de Museologia e ter contato com discussões sobre patrimônio, passei a me interessar mais pelo patrimônio histórico e cultural da minha própria cidade, sendo a Casa dos Rosa um desses. Me surpreendia o fato de que havia pouquíssima produção acadêmica sobre os patrimônios culturais da cidade de Canoas, sobre o Museu Municipal e muito menos com uma abordagem museológica centrada nesta instituição de memória e de seu acervo. Percebia uma lacuna no que tange trabalhos que relacionam a história da cidade com o Museu Municipal e suas coleções, tais quais os realizados no Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo por Zita Rosane Possamai, no livro “Nos bastidores do Museu: Patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre” (2001) e por Wellington Ricardo Machado da Silva em seu Trabalho de Conclusão de Curso “Museu, exposição e cidade: o caso do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Porto Alegre, RS” (2015).

Assim que o Parque dos Rosa foi inaugurado, fui conhecê-lo. Foi uma experiência que despertou dois sentimentos enquanto fazia minha visita. No primeiro momento, foi muito agradável perceber o quanto o local estava esteticamente bonito, misturando arquitetura atual com o visual antigo da Casa, disponibilizando um espaço de lazer e de cultura para os moradores da cidade. Minha percepção como habitante local, visitante e estudante de Museologia foi de felicidade em saber que o patrimônio de minha cidade estava sendo preservado e ressignificado a partir desta nova instituição.

Entretanto, num segundo momento, as habilidades desenvolvidas como estudante de Museologia suscitaram questionamentos no decorrer da visita, principalmente no que se tange a exposição histórica, localizada no segundo andar da Casa dos Rosa. Na época, estava no final do 6º semestre do curso de

Museologia. Já havia realizado a disciplina *BIB03212 Expografia* e estava cursando a disciplina *BIB032015 Projeto de Curadoria Expográfica*, que tem por proposta a produção de um projeto de exposição por parte da turma. O embasamento teórico e a experiência obtida a partir dessas disciplinas foram essenciais para despertar as inquietações que surgiram quanto à exposição do Museu Hugo Simões Lagranha.

Em 2017, a exposição histórica do Museu passou a ocupar o segundo andar da Casa dos Rosa, consistindo em uma narrativa acerca da cidade de Canoas dividida em três salas expositivas. A sala de entrada, chamada “Sala de Comunicação”, era voltada à comunicação e suas diversas formas e tecnologias. Na sala “Professora Antônia Flório Escobar” encontravam-se acervos da professora e também utensílios da barbearia Rio Grande. A última sala expositiva é uma reprodução do Gabinete do prefeito Hugo Simões Lagranha.

Em função da 11ª Primavera dos Museus, que aconteceu de 18 a 24 de setembro de 2017, com o tema “Museus e suas memórias”, a exposição histórica do Museu foi repensada para essa data. Com isso, foi inaugurada a exposição *Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha: Dois homens, uma cidade e um museu*, que homenageia os patronos do Museu e do Arquivo Histórico de Canoas. A segunda sala, anteriormente dedicada à professora, foi ocupada pela exposição de fotos *Casa dos Rosa: Fragmentos*, tiradas por Israel Tavares Boff antes da restauração da edificação.

A partir do apresentado muitas inquietações surgem no que diz respeito à representação da cidade neste Museu, mais precisamente na concepção da exposição histórica do mesmo. Foram essas dúvidas que motivaram a realização desta pesquisa, fundamentada nos seguintes problemas: Qual é a representação da cidade de Canoas na exposição histórica do Museu Municipal Hugo Simões Lagranha? Como se deu a construção da narrativa expográfica acerca da história da cidade? Que materialidades foram selecionadas para construir essa memória? Quais os sujeitos envolvidos no projeto? Há a produção de uma identidade local?

Tendo como meta responder à essas questões, a investigação se propôs, como objetivo geral, a analisar a representação da cidade de Canoas e identidade local a partir da narrativa expográfica da exposição histórica do Museu Hugo Simões Lagranha. Especificamente, pretendeu-se: Refletir acerca da categoria *museu de cidade*, a partir de seu histórico e da concepção de cidades contemporâneas; identificar os critérios de seleção de acervos e memórias a serem preservadas e



comunicadas pelo Museu Hugo Simões Lagranha; analisar a materialidade e os auxílios expográficos utilizados na concepção da exposição histórica do Museu e de sua narrativa.

Para realizar tal análise e reflexão, serão utilizados quatro conceitos operacionais, que desde a concepção desta pesquisa se mostraram bem presentes e demarcados: o conceito de *cidade* (PESAVENTO, 2007; MENESES, 1984), para entender esse espaço complexo em que o Museu se faz presente e se propõe a representar; o conceito de *representação* (PESAVENTO, 2003), a fim de pensar a questão da representação das cidades em museus históricos; o conceito de *imaginário* (PESAVENTO, 2006), visando aprofundar o debate sobre os imaginários que existem acerca da cidade e as formas como eles são reproduzidos ou não pelo Museu; e o conceito de *identidade* (BAUMAN, 2005; HALL, 2000), com o objetivo de identificar se existe uma identidade local firmada pelo discurso do Museu.

A pesquisa, de abordagem qualitativa - exploratória e descritiva, se realizou através de observação em campo, análise documental, acesso a notícias do *site* da prefeitura de Canoas e entrevistas semiestruturadas (apêndices A-D). Nesta pesquisa, a exposição histórica do Museu Hugo Simões Lagranha também foi entendida como um documento a ser analisado. Foram feitas observações *in loco*, com o auxílio de um diário de campo, para identificar as particularidades do Museu, da exposição e de sua organização. Este diário começou a ser construído durante a disciplina *BIB03227 Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso*, após visitas feitas durante a escrita do projeto. Com a possibilidade de realizar o estágio curricular na instituição enquanto escrevia este Trabalho de Conclusão de Curso, me aproximei mais do objeto de estudo e do cotidiano do Museu.

Foram analisados documentos pertencentes ao Museu Hugo Simões Lagranha, como livro tombo, fichas catalográficas, planta baixa da exposição de longa duração, o projeto de restauração da Casa dos Rosa, os projetos das exposições e reportagens sobre a instituição. Também foram utilizadas documentações de fontes primárias, tais quais documentos pertencentes ao Arquivo Público e ao Museu. A pesquisa também demandou a utilização de fontes secundárias, tais quais bibliografias sobre a temática, museus de cidade, Expografia e a história da cidade de Canoas.

Buscando um maior entendimento sobre a história do Museu Hugo Simões Lagranha e o processo de mudança de sede e concepção da exposição do Museu,

foi necessário identificar os sujeitos que fizeram parte dessa instituição. Foram mapeadas duas categorias de sujeitos:

- a) Sujeitos 1: Equipe que trabalhou no Museu e Arquivo antes da mudança de sede;
- b) Sujeitos 2: Equipe que participou da concepção das exposições na nova sede.

Como técnica de coleta de dados utilizei de entrevistas semi-estruturadas, havendo também análise documental de materiais cedidos pelos entrevistados. Foram elaborados roteiros de entrevistas (apêndices A-D) para os diferentes sujeitos identificados, descritos abaixo:

- a) Sujeitos 1: Eliete dos Santos, gerente de Equipe de Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura de Canoas entre os anos de 2002 a 2013; Maria Lúcia Agostini, Chefe de Serviço do Arquivo Histórico e Museu de Canoas entre 1990 e 2004 e Diretora do Departamento de Arquivo Público Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira de 2004 à 2013.
- b) Sujeitos 2: Airan Milititsky Aguiar, gerente de Museu e Arquivo; Léa Japur, arquiteta responsável pela ambientação da Casa e do Parque dos Rosa; Entrevistada II, estagiária de Museologia na Diretoria de Cidadania Cultural da Secretaria Municipal da Cultura de Canoas; Edison Barcellos da Rosa, assessor de gestão da Casa dos Rosa.

Como resultado dessa trajetória, apresento este Trabalho de Conclusão de Curso, onde no segundo capítulo, intitulado “A Cidade de Canoas e seu Museu: história, memórias e reflexões sobre *museu de cidade*”, discorro brevemente sobre o histórico da cidade de Canoas. Descrevo as características históricas da cidade e como ela se configura atualmente a partir de bibliografia sobre o local. Neste capítulo também abordo marcos da trajetória do Museu Municipal desde sua criação em 1990 até o ano de 2017 e o seu papel como museu de cidade, tendo como foco o período de transição da exposição do prédio da Biblioteca Pública do Município para a Casa dos Rosa, e como se deu a seleção e organização dos objetos e memórias no novo espaço expositivo. As informações partem de documentos do Museu e do Arquivo Municipal e entrevistas, que serão articulados com referências sobre museu de cidade e as memórias salvaguardadas ou invisibilizadas por essas instituições.

No terceiro capítulo, “As Exposições do Museu Municipal Hugo Simões Lagranha e as Representações da Cidade de Canoas”, analiso duas exposições históricas realizadas pelo Museu no ano de 2017 a partir dos objetos expostos, suportes expográficos, suas localizações na exposição, legendas e discursos evidenciados a partir dos textos expositivos, tencionando a questão de representação da cidade e da construção de memória e identidade local. Os documentos utilizados nessa análise são, além dos mencionados na seção anterior, a própria exposição e materiais impressos produzidos pelo Museu.

Nas Considerações Finais retomo as questões iniciais da pesquisa e apresento os resultados obtidos com o estudo do Museu Hugo Simões Lagranha e de suas exposições, propondo uma reflexão acerca do papel dos museus de cidade na representação do espaço urbano em que está inserido e na afirmação de identidades locais.

A beleza desse exercício foi a possibilidade de dialogar com diversos autores e de debruçar sobre a história da cidade de Canoas e da instituição dedicada à memória da cidade, tecendo uma investigação inédita focada na exposição histórica do Museu Hugo Simões Lagranha, evidenciando agentes e processos envolvidos na construção do discurso expositivo acerca da cidade.

## **2 A CIDADE DE CANOAS E SEU MUSEU: história, memórias e reflexões sobre museu de cidade**

*Hoje se fala mais em cidade do que em nação*

Heloisa Buarque de Holanda

A cidade é o espaço em que se vive e onde ocorrem todas as práticas sociais, históricas, políticas, culturais e econômicas dos seres humanos que a habitam. Ela é moldada pelos seus habitantes, ao mesmo tempo em que molda os mesmos. Pesavento (2007), traz três concepções que auxiliam a entender a cidade: *materialidade*, *sociabilidade* e *sensibilidade*. *Materialidade*, é algo criado pelo homem, e é a partir de suas características visíveis (prédios, ruas, etc.) que se percebe e diferencia-se a cidade do meio rural. *Sociabilidade*, comporta sujeitos, relações sociais, grupos e classes distintas, práticas culturais, ritos e festas - características essas que mostram a cidade como obra coletiva. *Sensibilidade*, pressupõe a construção de valores a partir das emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano*. A cidade é, portanto, produto e vetor das relações e ações sociais (MENESES, 1984).

Como acontece com todas as construções humanas, a cidade também se modifica e é modificada. Para Michel de Certeau (1994, p.26), a cidade funciona como “[...] um lugar de transformações e apropriações, o objeto de várias espécies de interferência, mas também sujeito constantemente enriquecido de novos atributos, e que é simultaneamente a maquinaria e o herói da modernidade”. Nessas transformações, ela acrescenta elementos irreversíveis ao processo histórico em que existimos, conforme Konder (1994 p.79), “[...] enquanto não passam, as cidades fazem uma história que as prolonga e plasmam uma cultura que de algum modo pode ‘eternizá-las’”. Esses espaços urbanos possuem muitas histórias e memórias produzidas e reproduzidas no seu tecido, e cada habitante se apropria desse espaço conforme sua própria experiência. Conforme Certeau (1998, p.189):

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

A partir da citação, interpreta-se que a cidade nunca é narrada ou representada na sua totalidade, sendo construída a partir de diversos fragmentos de vivências e experiências dos seus habitantes. Mas a cidade não é apenas isso, segundo Henry-Pierre Jeudy (2005) ela excede a representação que cada pessoa faz dela.

Os objetos são parte do cotidiano das pessoas que habitam a cidade, muitas vezes se tornando suporte físico para memórias, fortalecendo assim as identidades individuais e coletivas. Myrian Sepúlveda dos Santos (2007) coloca que a identidade de cada um é formada a partir dessa experiência e das memórias construídas ao longo da vida. Identidade com a conotação de *pertencimento* (BAUMAN, 2005), seja a uma localização no tempo-espaço ou a um grupo. Cabe salientar que as identidades estão em constante transformação, e em meio a modernidade substituem as antigas comunidades, reforçando a ideia de pertencimento e reconhecimento de um grupo. De acordo com Veloso (2003, p.112):

[...] a cidade vive do movimento, da vivência, e da memória produzida pelos seus habitantes. Assim, é constituída de fluxos em permanente transformação, que desencadeiam processos sociais geradores de diversidades, singularidades, contradições e ambiguidades. Outra característica das cidades contemporâneas é a pluralidade de lugares e não-lugares e uma pluralidade de referências de espaços e tempos.

Com o rápido processo de urbanização das cidades modernas, não apenas o espaço muda, mas também a percepção que seus moradores possuem desse local e forma como esses sujeitos se comportam e percebem-se. Conforme Santos (2007, p.355), a medida que os grupos sociais ficam cada vez mais instáveis, que a mobilidade dos indivíduos se torna maior e os objetos se transformam e são descartados numa velocidade crescente, torna-se também “[...] cada vez mais difícil para os indivíduos contarem detalhes sobre a vida no passado”.

Além do que é destacado por Santos (2007), a cidade moderna globalizada abriga os mais diversos grupos, as mais diversas culturas e identidades, que fazem trocas entre si e com o mundo, tornando uma tarefa ainda mais difícil a assimilação total do tecido urbano. A cultura das cidades enquadra-se assim em seu papel ambivalente tanto de “[...] agente da desordem quanto um instrumento da ordem; um fator tanto de envelhecimento e obsolescência quanto de atemporalidade” (BAUMAN, 2012, p.28).

Essa mudança não atinge apenas o individual, mas também afeta a percepção dos gestores e das classes intelectuais da cidade acerca da necessidade de ter uma instituição destinada a salvaguardar a história e memórias locais. Como se sabe, a origem dos museus modernos está associada ao fortalecimento dos Estados Nacionais e ao projeto de nação e identidade que viriam a ser vinculados a esses (SANTOS, 2007). Os museus que surgiram a partir desse movimento, no século XIX, e tiveram consolidação no Brasil no século XX, carregam de alguma forma esses ideais elencados. Não é diferente com os denominados *museus de cidade*.

Numa visão atual e idealizadora acerca da função de um museu categorizado como de cidade, Ulpiano Bezerra de Meneses (2003, p.257) sugere que essa instituição deve apresentar características que o permitam “[...] ser uma referência inestimável para conhecer a cidade, entendê-la (no seu passado e presente), fruí-la, discuti-la, prever seu futuro, enfim, amá-la e preocupar-se com ela e agir em consequência”. Seu dever, portanto, é de representar a cidade dentro da instituição, acompanhando as mudanças que ela sofreu ao longo do tempo e problematizando o seu futuro.

Entretanto, é preciso analisar o período em que essas instituições foram constituídas e quais eram as premissas na época de sua implantação. Diferentemente do que é colocado por Meneses (2003), grande parte dos museus de cidades alimenta-se ainda de um “[...] discurso político-cívico e de uma visão nostálgica de um passado”, segundo Helena Cunha Uzeda (2016, p.64). Tal característica é herança dos museus idealizados juntamente com um projeto de nação. Ainda que atualmente se tenha uma perspectiva diferente, obtida a partir das reflexões oriundas, por exemplo, da *Nova Museologia*<sup>5</sup>, as marcas desse período ainda assolam as instituições museológicas. Mesmo localizados nos mais diversos lugares, os acervos e narrativas expositivas dos museus de cidade costumam ser muito similares entre si, pois visam uma “[...] valorização de aspectos memoráveis

---

<sup>5</sup> *Nova Museologia*: “Os parâmetros da Nova Museologia são: democracia cultural (respeito à diversidade cultural e valorização da própria cultura de cada grupo); novo paradigma (da monodisciplinariedade à multidisciplinariedade, do público à comunidade, do edifício ao território); conscientização da comunidade da existência e valor de sua própria cultura; modelo museológico aberto e interativo, tendo por objeto o patrimônio originado da comunidade; diálogo com os sujeitos, com a participação ativa da comunidade catalisando as necessidades da mesma; método colocado na exposição, ou seja, a exposição passa a ser um método como um dos mais importantes instrumentos de diálogo e conscientização” (FERNANDEZ, 1999 apud ARAUJO, 2012, p.75).

da cidade, suas datas e heróis, com ênfase no orgulho cívico”, mostrando “[...] apenas parcialmente a riqueza cultural que deu forma à cidade” (UZEDA, 2016, p.63).

Canoas, cidade localizada no Estado do Rio Grande do Sul, começou o seu processo de urbanização com a construção de uma ferrovia. Ao analisar essa cidade da região metropolitana de Porto Alegre e seu processo de urbanização, é necessário abordar algumas denominações utilizadas ao caracterizá-la: *cidade de veraneio*, *cidade dormitório* e *cidade industrial*, levando em consideração que tais adjetivações não são temporalmente demarcadas e conviveram em sintonia durante determinado período de tempo.

Neste capítulo, essas caracterizações serão revistas a partir de evidências da história da cidade de Canoas, buscando identificar como esse território se formou e quais histórias e memórias fazem parte da identidade local, o que levou à inauguração da instituição dedicada à salvaguarda do patrimônio local: o Museu Municipal de Canoas, em 1990, posteriormente denominado Museu Hugo Simões Lagranha.

## **2.1 A cidade:** Dos chalés de veraneio ao centro urbano

A origem da cidade de Canoas remonta o ano de 1730, quando a Coroa Portuguesa iniciou um processo de distribuição de sesmarias, visando impedir que a área que atualmente compreende o Estado do Rio Grande do Sul fosse tomada pelos espanhóis<sup>6</sup>. Foram concedidas em 1733 as primeiras sesmarias aos tropeiros oriundos de Laguna, cidade localizada no atual Estado de Santa Catarina, sendo um desses Francisco Pinto Bandeira. Francisco Bandeira instalou a sede de sua fazenda, denominada Fazenda do Gravataí, onde hoje é o bairro Estância Velha, e é considerado o povoador e colonizador da cidade de Canoas (SILVA, 1989). Em 1771, com a morte de Francisco Bandeira, as terras foram divididas entre seus filhos. Uma vez repartidas, deram origem a um povoado.

Em 1869 começaram as negociações para a construção da primeira ferrovia do Estado do Rio Grande do Sul, que ligaria a cidade de São Leopoldo à Porto Alegre. Para conclusão deste projeto, seria necessário passar pela área da Fazenda

---

<sup>6</sup> Neste período, o Rio Grande do Sul era ponto estratégico para os portugueses impedirem o avanço dos espanhóis e das Missões Jesuíticas.

do Gravataí, fazendo-se um acordo entre o herdeiro proprietário, Major Vicente Ferrer, e o Estado: haveria uma parada no que seria o centro da Fazenda, onde o Major havia colocado à venda um lote de chácaras de veraneio, iniciando assim o povoamento urbano de Canoas. No ano de 1871 a empresa “The Porto Alegre & New Hamburg Brazilian Railway Company Limited” iniciou a construção da estrada de ferro (Figura 1), que foi inaugurada em abril de 1874 (LEITE, 2012).

Figura 1 - Postal com imagem da Estação de Canoas



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas, 1910.

Segundo relatos de história oral local, o nome pelo qual a cidade passaria a ser denominada surgiu durante a construção da ferrovia, onde foram fabricadas embarcações de madeiras retiradas do capão de mato próximo à estação férrea, originando o nome *Capão das Canoas* (LEITE, 2012). Nesse período, a área da atual cidade de Canoas pertencia ao município de Gravataí e de São Sebastião do Caí.

Antes da inauguração da ferrovia, o *Capão das Canoas* já contava com moradores ao redor da estação. O primeiro chalé foi construído na propriedade adquirida em 1871 por John MacGinity, superintendente e construtor da linha férrea e um dos primeiros moradores do local (LEITE, 2017). Além deste, o Major Vicente Freire, seus familiares e “escravos de ofício” (fabricante de móveis, carpinteiro e marceneiro), e o alemão Jorge Gothel Henrique Wittrock, que abriu um armazém e um hotel próximo à estrada de ferro, para os veranistas (SILVA, 1989).



Nos anos seguintes, diversas famílias compraram as terras próximas à estação, com o objetivo de construir chalés para veraneio. Entre essas, se encontravam as famílias Milanez, Kessler, Ludwig (PFEIL, 1992). Segundo Viegas (2011, p.37), “[...] o povoamento da região junto à estação ferroviária em Canoas foi realizado, principalmente, por famílias de imigrantes provenientes da Capital e do núcleo de São Leopoldo”. Nessa época ainda não haviam estradas que levassem até o litoral, fazendo com que a praia de água doce que havia nas imediações, hoje chamada de *Praia de Paquetá*<sup>7</sup>, se tornasse um atrativo.

No ano de 1894, Antônio Lourenço Rosa adquiriu por meio de leilão a propriedade de John MacGinity, reformando-o. Essa edificação ficou conhecida como Chácara dos Rosa (Figura 2), tendo sido tombada em 2009 por ser considerada a primeira edificação da cidade de Canoas.

Figura 2 - **Chácara dos Rosa**



Fonte: Diário de Canoas, 2017<sup>8</sup>.

O historiador Demétrio Alves Leite (2012, p.35) remonta o cenário da época:

<sup>7</sup> “A Praia de Paquetá é parte da Orla do Rio dos Sinos, divisor de águas entre Canoas e Nova Santa Rita, e é onde desemboca o Rio dos Sinos e Jacuí” (DUARTE, 2013).

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www.diariodecanoas.com.br/\\_conteudo/2015/11/noticias/regiao/246648-segredos-da-casa-dos-rosa-a-mais-antiga-da-cidade.html](http://www.diariodecanoas.com.br/_conteudo/2015/11/noticias/regiao/246648-segredos-da-casa-dos-rosa-a-mais-antiga-da-cidade.html)> Acesso em: 13 de out. 2017.

Em 1885, fora os trens ordinários de tabela, eram anunciados oito trens de passeio aos domingos, exclusivamente de Porto Alegre à Canoas. Os piqueniques na picada da estação de trem deram o início das vendas dos primeiros lotes de chácaras. Nos últimos anos do século XIX, o povoado contava com três ou quatro hotéis, vários chalés de veranistas, algumas casas de negócios, pequenas indústrias e, pelos arredores, diversos arranchementos de remanescentes peões e agregados.

Em 1895, Vicente Ferrer da Silva Freire vendeu o resto de suas terras para Israel Rodrigues Barcelos, que ampliou o loteamento da cidade. No mesmo ano, Olavo Plácido Santos Ferreira também abriu um loteamento de chácaras no lado oposto ao de Barcelos. Em 1898 foi inaugurada a primeira Igreja da Matriz, localizada onde hoje é a Avenida Santos Ferreira, tendo como padroeiro São Luiz Gonzaga (SILVA, 1989). No *Diccionario Geographico Historico e Estatistico do Rio Grande do Sul*, publicado em 1907, Canoas é descrita como uma “[...] belíssima povoação no Município de Gravatahy, com chácaras aprazíveis e uma bonita igreja paroquial consagrada a São Luiz Gonzaga” (FARIA apud VIEGAS, 2011, p.33).

Canoas, inicialmente caracterizada como estação de veraneio, aos poucos se transformou em um local de moradia fixa e trabalho, principalmente por sua localização entre a capital e a zona colonial do Estado, o que a tornava atraente para a instalação de estabelecimentos de negócios. Segundo Oliveira (2003, p.17):

Nesta transformação, Canoas era para algumas pessoas uma estação de veraneio; para outras, um local de moradia, de estudo e de trabalho. Sabemos que toda a transformação é lenta e gradual e que à medida que as mudanças vão ocorrendo há também permanências e isto corresponde ao tempo histórico longo, é o período em que existe uma dubiedade de realidades, neste caso, cidade-veraneio e local de moradia, de trabalho, de lazer e de estudo. Canoas estava se transformando gradualmente.

A mudança da percepção da cidade de Canoas como um local de moradia reflete-se também nas organizações que se formam na cidade e nas melhorias que passam a ser reclamadas pelos habitantes. No ano de 1907, os irmãos Lassalistas<sup>9</sup> chegaram à Canoas a convite da Arquidiocese de Porto Alegre. Em 1908 foi fundado o Instituto São José (Figura 3), em terreno próximo à estação férrea e à chacara da família Rosa. O Instituto era destinado à educação dos meninos da

<sup>9</sup> Irmãos lasallistas: Congregação fundada por São João Batista de La Salle, na França, com ideais de educar os jovens nos valores cristãos e para a vida. A presença lassalista no Brasil iniciou em 1907. Atualmente as unidades educativas e de assistência social estão presentes em 10 estados brasileiros e no Distrito Federal. Disponível em: <<http://www.irmaosdelasalle.org/sobre-a-congregacao/quem-somos>>. Acesso em: 16 de out de 2017.

cidade, e promoveu aos cidadãos novas perspectivas para seu desenvolvimento cultural, já que os irmãos trouxeram consigo os hábitos e tendências européias (SILVA, 1989).

Figura 3 - Instituto São José em 1930



Fonte: LEITE, 2012, p.91.

Ainda sobre educação, é só no ano de 1944 que foi criada uma escola de “educação cristã” voltada para o ensino de meninas. Com o apoio do Cônego Leão Hartmann, a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora adquiriu uma chácara quase em frente ao Colégio São José. Em março de 1944, iniciaram as aulas do Colégio Maria Auxiliadora, Curso Primário da 1ª a 5ª séries e no começo de 1945 foi solicitada pela população a criação de um ginásio secundário feminino (COLÉGIO..., 2017).

No ano de 1909 foi nomeado o primeiro cura de Canoas, elevando o título da localidade à Capela Curada<sup>10</sup>. No mesmo ano, Vicente Porcello inaugurou a primeira farmácia da cidade e, no ano de 1914, foi aberto o primeiro cinema. A partir dos anos 1920, o carnaval passou a ser organizado em Canoas, bem como começaram a ser fundados os primeiros clubes de futebol locais, a exemplo do Esporte Clube

---

<sup>10</sup> Capela Curada: Quando um povoado possui um vigário para garantir cuidados espirituais a esse núcleo. A construção de uma capela e a denominação de um padre garantiria um novo patamar ao povoado, o de capela curada, que em síntese significava um templo visitado por um cura (padre de um lugarejo) (SALGADO; PICCINATO Jr., 2012).

Brasil e Esporte Clube Canoense (PFEIL, 1992). Em 1924 um grupo de senhoras se reuniu com o vigário para discutir a construção de uma nova Igreja. A Igreja Matriz de Canoas se encontrava na Avenida Santos Feira, afastada do centro da cidade. Em 1931, sua sede foi transferida para a atual praça da Bandeira (Figura 4), motivado principalmente por interesses políticos em dar maior valorização à área central da cidade.

Figura 4 - Igreja da Matriz em construção, 1931



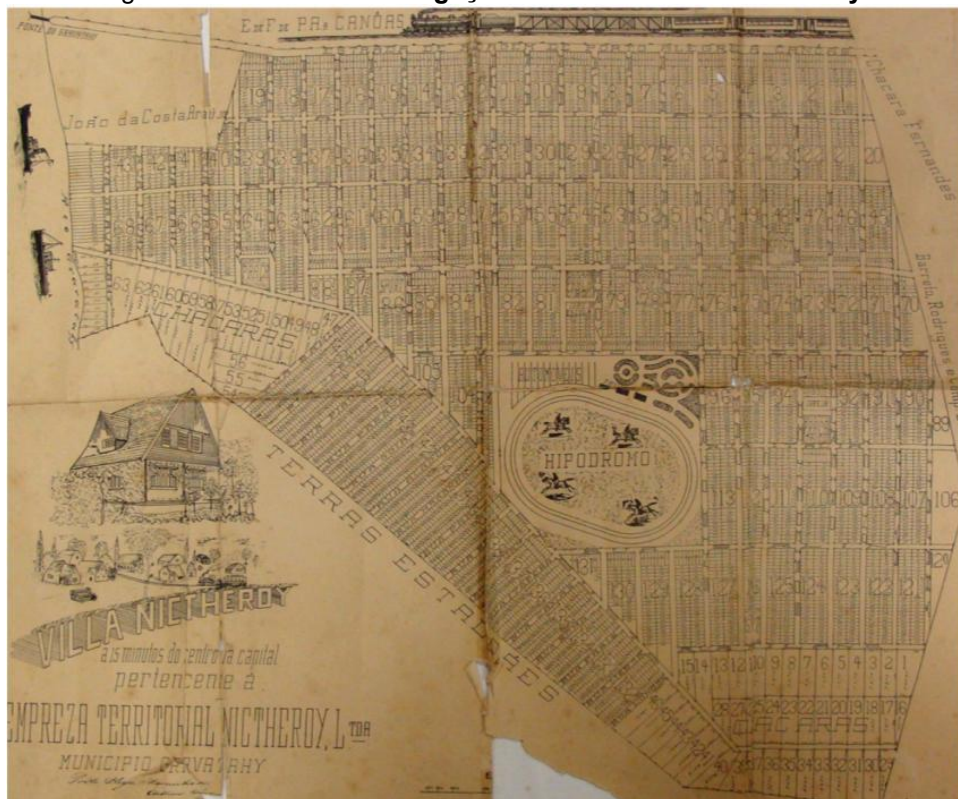
Fonte: PFEIL, 1992, p.195.

Os episódios acima relatados demonstram o desenvolvimento da cidade, concentrado, no seu centro. No entanto, nesse período, outras áreas da cidade começaram a despontar no mapa por sua proximidade com Porto Alegre, como é o caso da Vila Nictheroy, atualmente bairro Niterói. Nos anos de 1930 as propagandas dos loteamentos localizados nessa Vila indicavam a divulgação da cidade como um “dormitório” dos trabalhadores de Porto Alegre. Segundo Viegas (2011, p.46):

Entre os espaços próximos à capital, encontrava-se Canoas e, mais precisamente, o limite sul do povoado, que o separava da cidade de Porto Alegre. É nesse ponto que está localizada a Vila Nictheroy, território que foi eleito nesta pesquisa como o cenário mais representativo de Canoas como um projeto de cidade dormitório nos anos trinta, o que não exclui a referência à outras áreas. A referida Vila foi, afinal, o primeiro loteamento a ser implantado em Canoas com a finalidade de atender à demanda de interessados que procuravam a região em busca de ofertas de moradia mais acessíveis do que as disponibilizadas na Capital.

Em panfleto de divulgação de venda dos lotes da Vila Nictheroy, percebe-se o apelo pelo local estar a “Apenas a 15 min do centro da Capital” (Figura 5). Apesar da caracterização de *cidade dormitório* ter fundamentos, os moradores de Canoas não se relacionavam com sua cidade apenas para dormir. Nesse mesmo período haviam indícios de sociabilidades e identificação com a cidade em que se habitava. Conforme colocado, o centro da cidade estava se desenvolvendo e criando locais de lazer, promovendo vínculos de afetividade entre os habitantes e o local em que se habita.

Figura 5 - Panfleto de divulgação de lotes na “Villa Nictheroy”



Encontrava-se reprodução deste panfleto na exposição do Museu Hugo Simões Lagranha.

Fonte: VIEGAS, 2011, p.47.

A própria Vila Nictheroy se tornou espaço de sociabilidade, inaugurando o Gremio Esportivo Niterói em 1933 e fundando dois clubes de futebol em 1935. Conforme Viegas (2011, p.49), “[...] tais associações de entretenimento e de esporte comprovam a construção de laços afetivos junto ao novo lar que, nesse aspecto, não se prestava somente a acolher os moradores em seu período de repouso da jornada de trabalho”. Canoas, portanto, não era apenas dormitório, apesar de receber essa denominação que oculta as redes de relação e sociabilidade que se firmavam no seu território.

Pfeil (1992) informa que ao menos uma vez por ano ocorria uma enchente em Canoas, principalmente no inverno. As enchentes mais avassaladoras de que se tem registros fotográficos aconteceram em 1937 e 1941, se tornando um grande desafio para as gestões. Até os dias atuais, a população sofre com dias de chuvas intensas, pois muitos pontos da cidade ainda alagam.

Em julho de 1933 foi lançada a Comissão Pró-Melhoramentos, reivindicando boas estradas, energia elétrica, policiamento, praças públicas e um cemitério para a cidade, com a premissa de que o dinheiro que provinha de Canoas deveria ser investido na cidade, e não ir para os cofres de Gravataí<sup>11</sup>. Dos vinte e cinco integrantes que formaram a Comissão Pró-Melhoramentos, três declaravam-se capitalistas, dois industriários, cinco ferroviários e dois horticultores; dez eram ligados ao comércio, ao serviço e à construção e três ocupavam cargos políticos (VIEGAS, 2011). Conforme Oliveira (2003, p.24): “Esta Comissão foi importante para a emancipação e mostra-nos que os moradores de Canoas se percebiam como uma cidade e que, portanto, deveria ser emancipada”.

Em 1935 começaram as preparações para que o 3º Regimento de Aviação Militar, hoje V Comando Aéreo Regional, fosse instalado na cidade em 1937. Tal processo acelerou a inauguração da energia elétrica, que ocorreu no mesmo ano. Esses momentos foram decisivos para começar o processo de emancipação de Canoas.

Em edição do jornal local, “O Canôense”, criado e dirigido por militares, têm-se registrado artigos sobre a emancipação de Canoas, exaltando as características da cidade e demonstrando a necessidade de emancipação. Em um desses, datado a 17 de outubro de 1937, foi lançado o Semanário de Combate pela Emancipação e pelo Progresso de Canoas, com trechos como o seguinte:

Canôenses! Vós bem deveis aneiar tal evolução justa, pois Canôas, sem dúvida alguma, o mais prospero, mais populoso e mais rico dos Districtos de Gravatahy; contribuindo dois terços de toda a renda Municipal. Canoenses! Valorisae vossas propriedades lutando pela autonomia de vossa terra! (O CANOENSE apud PFEIL, 1995, p.272)

Citações como acima evidenciam a influência militar no processo de emancipação da cidade. Conforme Ferreira (2015, p.113), “[...] seria mais conveniente para os militares negociarem com uma administração mais próxima do

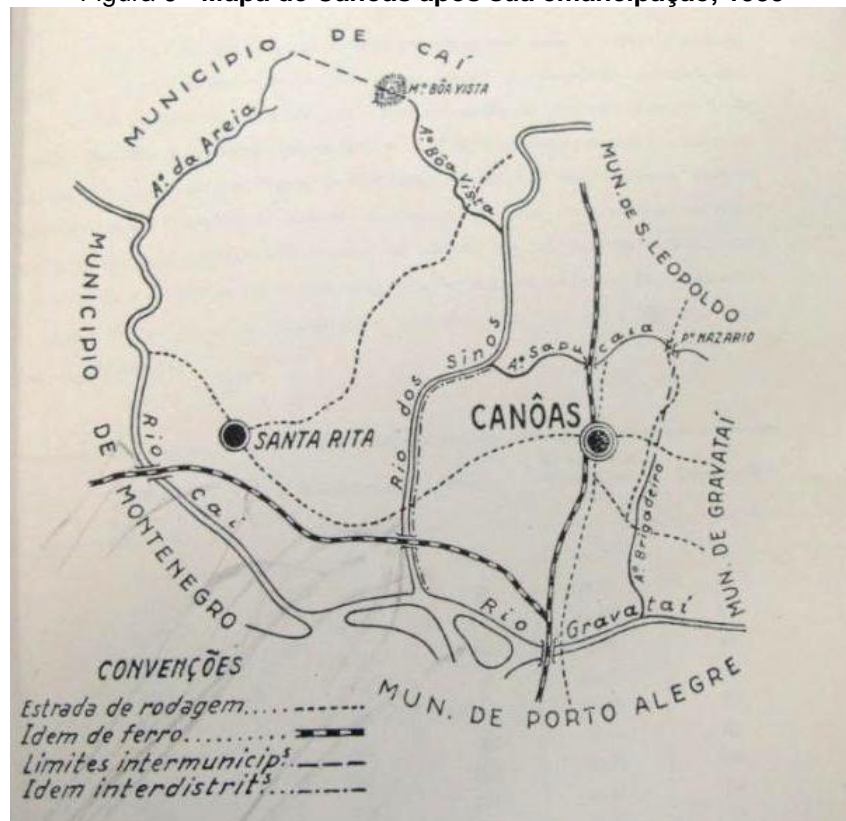
<sup>11</sup> Nessa época Canoas ainda era distrito da cidade de Gravataí.

que em Gravataí”. No trecho abaixo do jornal A Nação (1939 apud VIEGAS, 2011, p.66), é possível entender como se dava a situação da cidade e a relação do Regimento de Aviação Militar na sua emancipação:

[...] A localidade, justamente por estar próxima da capital, desenvolveu-se espantosamente. Numerosos moradores daqui - acentua - são empregados públicos e do comércio, não contando os operários, e que empregam sua atividade em Porto Alegre. Preferem aqui residir, não só por ser um recanto mais sossegado, como também por ser a vida mais barata. [...] Temos ainda importantes indústrias em nosso Município, destacando-se o Matadouro Frigorífico e Refinaria de Óleos, duas obras gigantescas - estamos certos - concluiu o nosso entrevistado - que Canoas se tornará dentro de poucos anos um dos Municípios mais importantes do Estado. A maior aspiração de seu povo será finalmente atendida, graças à interferência decisiva do coronel Ivo Borges, comandante do Regimento de Aviação.

Destaca-se, nesse trecho, a presença das indústrias, apontando para a próxima alcunha que a cidade viria a ser conhecida. Canoas conquistou sua emancipação em 27 de junho de 1939, quando foi publicado o Decreto nº7839. A instalação da cidade aconteceu no dia 15 de janeiro de 1940, no Cinema Central. O primeiro prefeito, Edgar Braga Fontoura, foi nomeado pelo Estado e tomou posse em 1940. A cidade na época tinha 17.630 habitantes; 11.964 na área urbana e 5.666 na área rural (PFEIL, 1995). Além de ter sido emancipada, anexou-se ao seu território o distrito de São Sebastião do Caí, hoje conhecido como Nova Santa Rita (Figura 6).

Figura 6 - Mapa de Canoas após sua emancipação, 1939



Fonte: VIEGAS, 2011, p.67.

O novo *status* de Canoas exigiu uma nova organização, uma urbanização de cidade moderna. Com isso, a Prefeitura investiu em obras para o seu desenvolvimento. As primeiras demandas atendidas foram aquelas solicitadas pela Comissão Pró-Melhoramentos, o que denota uma articulada trama de intersecções políticas e sociais na cidade da década de 1940. Conforme Viegas (2011, p.72):

A maioria dessas atividades aponta, também, para um território específico a ser favorecido - a zona ao redor da antiga estação de trem. A respeito disso, as atividades urbanísticas referenciadas figuram como meios para projetar tal área como o centro econômico (estabelecimento de comércio e de serviços), social (residência das lideranças locais) e cultural (cinema e importantes instituições de ensino, além de clubes e associações) da cidade.

No período das primeiras três gestões da Prefeitura (1940-1951) - dos prefeitos Edgar Braga da Fontoura; Aluízio Palmeiro de Escobar e Nelson Paim Terra - foram concebidos diversos projetos para a reurbanização da cidade, no que tangia novos loteamentos e redistribuição do território. Conforme Douglas Souza Angeli (2015, p.4):



O crescimento da mancha urbana entre 1940 e 1970 é explicado pela grande migração de trabalhadores, pelos diversos loteamentos abertos no período, pela industrialização, como já referimos na parte anterior, atestando um processo de crescimento horizontal da cidade, com a instalação de novos bairros.

No período entre a emancipação de Canoas e as primeiras eleições municipais, em 1947 e 1951, a cidade passou por transformações no seu perfil populacional. A partir do censo demográfico dos anos de 1940, 1950 e 1960, percebe-se o crescimento rápido e expressivo da população da cidade: de 17.630 habitantes em 1940, para 39.826 em 1950 e 103.503 em 1960 (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981 apud ANGELI, 2015). Nesse período, grande parte da população residente em Canoas eram operários, atraídos pelas ofertas de moradia mais baratas que em Porto Alegre.

Em 1954 elege-se para a Prefeitura o prefeito Sezefredo Azambuja Vieira e o vice Hugo Simões Lagranha. Esses dois homens possuíam uma vida social ativa na cidade, bem como uma carreira política que estava em desenvolvimento. Sezefredo Azambuja Vieira, natural de São Francisco de Assis, cursou direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quando adolescente foi membro do Partido Integralista<sup>12</sup>, tendo sido perseguido e preso no Governo de Getúlio Vargas. Quando se mudou para Canoas passou a exercer a profissão na cidade (VASCONCELLOS, 2016).

Hugo Simões Lagranha, natural de Alegrete, estudou no Colégio Militar, se formando em Ciências Contábeis e em Administração de Empresas Públicas. Em 1941, Lagranha prestou concurso para fiscal de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) da Secretaria de Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, passando a exercer essa função em várias cidades. Em 1944, mudou-se para Canoas, começando sua trajetória na cidade (ASSOCIAÇÃO..., 2009). Foi um dos idealizadores e envolvidos na construção do Hospital Nossa Senhora das Graças, fazendo parte da diretoria da Associação Beneficente de Canoas, mantenedora do hospital.

A gestão de Azambuja Vieira foi marcada pela realização de projetos urbanísticos, na tentativa de conter o crescimento desenfreado de loteamentos em Canoas, mudando a concepção de *cidade dormitório* que lhe foi atribuída. Viegas (2011, p.137) coloca que o prefeito:

---

<sup>12</sup> Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento político fascista nacionalista brasileiro.

[...] aproximou-se das questões urbanas não somente através de empreendimentos: narrou, através de escritos e pronunciamentos, a situação da cidade que, a seu ver, apresentava o mais vertiginoso e, também, o mais desordenado crescimento dentro do quadro sul-riograndense.

Um exemplo de organização da cidade foi a instalação de um Centro Cívico. Em 1946 foi adquirido um terreno para a construção da Prefeitura Municipal (Figura 7), pois sua antiga sede havia sido incendiada. Só na gestão de Azambuja Vieira esse Centro Cívico foi devidamente instalado, com a inauguração da chamada Praça da Emancipação, que passou a substituir a Praça da Bandeira como local de celebrações oficiais e anúncios políticos (VIEGAS, 2011).

Figura 7 - **Prédio da Prefeitura, 1958**



Fonte: PFEIL, 1995, p.418.

Viegas (2011) identifica que o prefeito aderiu à ideia de que a cidade deveria partir de um “centro irradiador de progresso e de harmonia urbana”, valendo-se de certo “urbanismo utópico”, ou seja: cada território deveria possuir e cumprir uma função específica, ao passo que “contribuiria para a construção de uma referência ideal comum, no caso de Canoas, a de cidade industrial” (VIEGAS, 2011, p.141).

Para deixar no passado de Canoas a alcunha de *cidade dormitório*, o prefeito sancionou leis de isenção fiscal visando o crescimento do setor industrial e

promovendo empregos na própria cidade. Na década de 1950 existiam indústrias instaladas em Canoas, mas é a partir da ação do prefeito Azambuja Vieira que esse panorama se multiplica, destacando-se aquela que é considerada o maior símbolo de Canoas como uma cidade industrial: a Refinaria Alberto Pasqualini, inaugurada em 1968.

Em 24 de junho de 1965, a Lei Municipal nº986 oficializou o Hino do Município de Canoas, composto por Wilson Dantur e Pedro Reinaldo Klein. A bandeira de Canoas (Figura 8) foi adotada na gestão do prefeito canoense Geraldo Gilberto Ludwig, entre 24 de novembro de 1978 e 5 de julho de 1979 (PREFEITURA..., 2017).

Figura 8 - **Bandeira de Canoas**

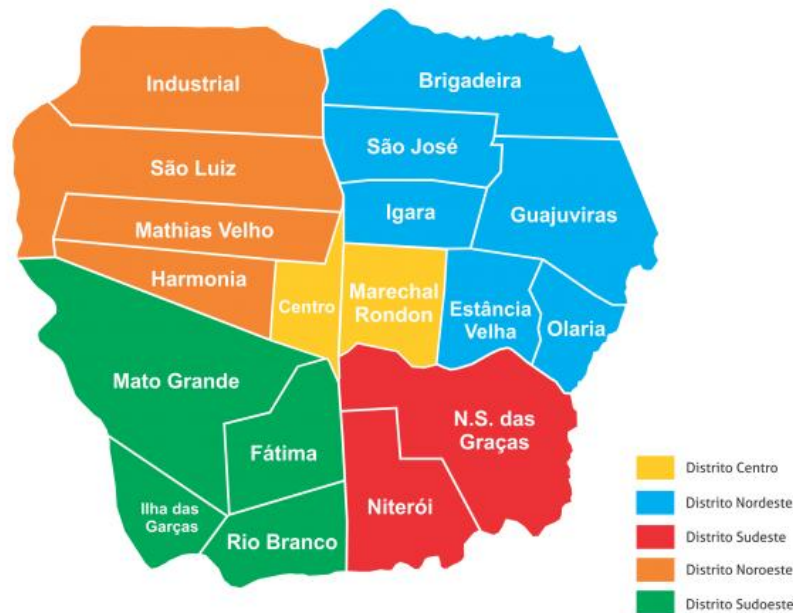


Fonte: Prefeitura de Canoas, 2017<sup>13</sup>.

Atualmente, Canoas se divide em dezoito bairros, divididos em cinco distritos (Figura 9). É considerada uma *cidade-pólo*, seja industrial, comercial ou estudantil (OLIVEIRA, 2003). A cidade é sede de grandes empresas como a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), Springer Carrier e AGCO do Brasil, além de nomes fortes nos ramos de gás, metalomecânico e elétrico. Possui segunda maior rede de ensino do Estado, contendo escolas públicas, particulares e três universidades - Universidade, La Salle, UniRitter e Universidade Luterana do Brasil (PREFEITURA..., 2017).

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/midia/imagem/id/106022>>. Acesso em: 16 de out de 2017.

Figura 9 - Configuração atual da cidade



Fonte: PREFEITURA DE CANOAS, 2017<sup>14</sup>.

A partir dos indícios dessa retomada histórica é possível perceber que as caracterizações da cidade de Canoas como *cidade de veraneio*, *cidade dormitório* e *cidade industrial* partiram da vontade do poder público de divulgar a cidade por essas categorias, a partir de premissas do desenvolvimento urbano. Esses adjetivos atribuídos à cidade e à “modelação” que ela sofria para servir à essas categorias afetavam a vida dos moradores e na percepção que estes possuíam do espaço urbano em que viviam, modificando as identidades e memórias locais.

Ao andar hoje pela cidade de Canoas, vemos mais uma cidade urbanizada da região metropolitana de Porto Alegre. Mas cada edificação, cada rua, cada cidadão em diferente faixa etária apresenta narrativas silenciosas sobre a constituição desse espaço urbano, construindo uma trama de memórias coletivas e pessoais que envolvem a cidade. Conforme Pesavento (2007, doc. eletr.):

[...] cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa. Nesse curioso processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta imobilidade dos fatos. Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://canoas.rs.gov.br/site/home/pagina/id/7>>. Acesso em: 16 de out de 2017.

A imagem de palimpsesto exemplifica como a cidade contém a sua história em seu próprio tecido urbano. Em 1990, Canoas se encontrava desenvolvida e urbanizada, levando às autoridades e intelectuais a reconhecer a necessidade de uma instituição cultural, destinada à salvaguarda de sua história e da identidade local. É como uma consequência da modernização da cidade que surge o Museu Hugo Simões Lagranha.

## 2.2 O museu da cidade: Da sua criação a Casa dos Rosa

As cidades estão sempre se transformando, em constante movimento e construção de novas memórias. Representar a cidade e o *hall* de histórias que a compõe não se constitui uma tarefa fácil, mas sempre foi uma necessidade do cidadão, conforme Pesavento (2007, doc. eletr.):

Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam.

O conceito de representação sugere uma nova apresentação sobre o mundo, sobre o real, sendo semelhante a ele, porém não totalmente igual (PESAVENTO, 2003). Para além dessas formas de representar a cidade evidenciadas pela autora, podemos também incluir os museus como uma *agência de representação* (SCHEINER, 2002) que utiliza da palavra, de imagens, objetos e sons para criar sua narrativa.

A representação que o museu faz da cidade a partir dos bens patrimoniais - e a forma que a faz - auxilia no reconhecimento de uma identidade local que muitas vezes não é percebida atualmente pelos habitantes da cidade. Conforme Veloso (2003, p.117):

O museu [...] é também um espaço ritual, onde valores, crenças e aspirações são representados, transmitidos e revividos, o que pode estimular o indivíduo a se situar na trama das relações sociais e históricas que a constituem e, assim, instigar o sentido de pertencimento do indivíduo à sociedade.

Considerando os museus e arquivos “lugares de memória”, que segundo Pierre Nora (1993, p.13) “[...] nasce e vive do sentimento que não há memória espontânea”, sendo necessário a criação de locais para salvaguardar e organizar essas memórias, os lugares de memórias da cidade de Canoas começaram a ser idealizados nos anos de 1980, quarenta anos após sua emancipação. O primeiro órgão destinado à salvaguarda de documentos da cidade foi o Arquivo Histórico Municipal, em 1985 (CANOAS, 1985).

Em 1990 foi instaurada a Seção de Arquivo Histórico e Museu Municipal de Canoas pela Lei nº 3002, integrando a Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desporto, promulgada pelo então prefeito Hugo Simões Lagranha. No artigo 2 dessa lei, evidencia-se a função destinada a essa nova Seção: “O órgão criado no artigo anterior tem como finalidade orientar, selecionar e executar a política municipal de arquivamento e de coleta de materiais e dados históricos do Município” (CANOAS, 1990, doc. eletr.). A sede inicial do Arquivo e do Museu era em um prédio na rua Gonçalves Dias, no centro da cidade. Com a criação do prédio da Biblioteca Pública João Palma da Silva, o Arquivo e Museu passam a dividir espaço com essa instituição.

No ano de 1993 foi criado o Departamento de Cultura, o Arquivo Histórico e o Museu passaram a ser um serviço do Departamento. O nome do prefeito Sezefredo Azambuja Vieira foi atribuído ao Arquivo Histórico e Museu Municipal de Canoas pelo Decreto nº423, de 12 de maio de 1994. Como justificativa para a escolha deste ex-prefeito:

[...] considerando a importância do legado Cultural transmitido ao povo Canoense pelo Dr. Sezefredo Azambuja Vieira; considerando a decisiva Contribuição de Sezefredo Azambuja Vieira, para a construção do pensamento político-filosófico canoense e o seu irrefutável valor histórico à posteridade (CANOAS, 1994, doc. eletr.).

Em 2003 o Museu se desvincula do Arquivo Histórico com a aprovação da Lei nº4848, apesar de continuarem sediados no mesmo espaço, que atualmente abriga também a Secretaria Municipal da Cultura (Figuras 10 e 11). Mesmo com essa separação, as duas instituições continuaram fazendo diversos trabalhos em conjunto. Conforme Maria Lúcia Agostini, que atuou como Chefe de Serviço do Arquivo Histórico e Museu de Canoas entre 1990 e 2004 e como Diretora do Departamento de Arquivo Público Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira de 2004

à 2013, a partir desse ano o Museu passou a fazer campanhas para arrecadar objetos para o seu acervo. A instituição tem por missão “[...] conservar, pesquisar e divulgar os testemunhos materiais produzidos pelos canoenses ao longo dos anos” (AGOSTINI, 2017), e esse foi o princípio norteador para a aquisição dos objetos doados pela comunidade.

Figura 10 - Prédio da Secretaria da Cultura



Fonte: PREFEITURA DE CANOAS, 2017<sup>15</sup>.

Figura 11 - Detalhe da placa indicando o Arquivo e Museu



Fonte: 1ª REGIÃO MUSEOLÓGICA DO RS, 2017<sup>16</sup>.

Ao se analisar os livros tombo do Museu encontra-se diversos objetos do cotidiano citadino que foram incorporados ao longo dos anos (ARQUIVO HISTÓRICO..., 1989, 2006). Em meio a ferros de passar, vidros de amostra com gasolina da PETROBRÁS, rádios, máquinas de escrever, moedas e peças de indumentária fica perceptível na documentação do Museu a ligação do objeto com a pessoa a quem pertenceu, ou a pessoa que doou o bem salvaguardado pela instituição.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/midia/imagem/id/114091>>. Acesso em: 20 de out. de 2017

<sup>16</sup> Disponível em: <[https://1regiao.wordpress.com/xi-mostra-conjunta-de-museus/img\\_0521-2/](https://1regiao.wordpress.com/xi-mostra-conjunta-de-museus/img_0521-2/)>. Acesso em: 20 de out. de 2017.

Além destes objetos, o Museu possui uma grande variedade de peças relacionadas ao ex-prefeito Hugo Simões Lagranha. Maria Lúcia Agostini (2017, inf. verbal) comenta que no ano de 2005, quando Lagranha faleceu, grande parte do seu acervo pessoal, “[...] veio para o museu”. As peças foram deixadas para o Museu em testamento pelo ex-prefeito e outras doadas pela sua esposa, Derma Maria Paim. Configuram desde o mobiliário de seu escritório pessoal até canetas *bic* e enfeites de mesa, aumentando significativamente o número de objetos da instituição.

Apenas em 2007, o Museu Municipal de Canoas passou a receber o nome de Hugo Simões Lagranha, em homenagem ao ex-prefeito (CANOAS, 2007). Nos anos entre 2003 e 2013, identifica-se intensa atividade do Museu e do Arquivo Histórico na cidade de Canoas. Maria Lúcia Agostini comenta que “[...] se o público não vinha, a gente ia até o público”, e conta:

Promovíamos eventos, exposições em parques, levávamos o acervo do Arquivo e acervo do Museu para parques nos finais de semana em que ocorriam eventos da Secretaria de Educação. O Departamento de Desporto promovia eventos em praças e nós íamos junto com esse Departamento divulgar a parte de Arquivo e Museu. Nesse tempo a gente divulgou bastante o espaço e muitas pessoas passaram a conhecer e frequentar o espaço em função dessa divulgação nossa. Nós levávamos o Museu e o Arquivo para a rua. (AGOSTINI, 2017, inf. verbal)

Segundo Eliete Santos (gerente de Equipe de Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura de Canoas entre os anos de 2002 a 2013) o Museu também oportunizava: serviço de fototeca; pesquisa; biografias; exposições temáticas nas datas comemorativas da cidade; visitas guiadas com educação patrimonial; elaboração de projetos culturais (2017, doc. eletr.). Sobre a Educação Patrimonial, comenta que foi “[...] introduzida no Museu no ano de 2004, aplicada quando a visita era agendada, era feita através de teatro, explicações e exposições e seguiu aprimorando a cada ano” (Idem, 2017, doc. eletr.). Ainda hoje o Museu possui ações voltadas à Educação Patrimonial, oferecendo visitas guiadas por pontos históricos do centro da cidade (Casa de Artes Villa Mimosa, Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, Conjunto Comercial, Praça do Avião, Taças da Corsan, Paço Municipal, Antiga Estação de Trem e Casa dos Rosa) para escolas e grupos previamente agendados (ROSA, 2017, inf. verbal).



A pesquisa na instituição era feita principalmente por universitários da UniLasalle<sup>17</sup>. Maria Lucia Agostini informa que haviam parcerias com professores do curso de graduação de História. Disso, ela lembra do projeto “Canoas - Para lembrar quem somos”, em que as pesquisas reuniram a história dos bairros de Canoas e foram publicadas em forma de livro (AGOSTINI, 2017). A parceria da Universidade La Salle com o Museu Hugo Simões Lagranha se sustenta atualmente, por meio de pesquisas e projetos conjuntos, tais qual a exposição *Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha: dois homens, uma cidade e um museu*, elaborada para a 11ª Primavera dos Museus.

Na antiga sede, a exposição do Museu se encontrava na primeira ala da Secretaria de Cultura, no saguão de entrada. A reserva técnica, inclusive, ainda está localizada em duas salas deste prédio. Segundo Agostini (2017), as salas não possuíam as condições ideais para abrigar um acervo musealizado, apesar da equipe manter cuidados com a preservação das peças. Nessa sede, o Museu não possuía o destaque ou o espaço necessário para a realização de suas atividades.

Além dessas instituições dedicadas à salvaguarda da história local, Canoas possui diversas edificações datadas do início da urbanização da cidade, constituindo parte do seu patrimônio urbano. Uma dessas, a Casa dos Rosa, considerada pelos historiadores e pesquisadores da cidade a primeira edificação da cidade. A vontade de transformar a Casa dos Rosa em sede dos aparelhos culturais de Canoas era antiga. Em 1985, mesmo ano de criação do Arquivo Público, encontram-se matérias em jornais locais que demonstram o interesse de alguns grupos e associações da cidade em transferir o acervo da Biblioteca e do Arquivo para o prédio, a exemplo do “O Timoneiro” datado de outubro de 1985 (Figura 12).

---

<sup>17</sup> Atualmente Universidade La Salle, localiza na avenida Victor Barreto, 2288, Canoas.

Figura 12 - **Matéria sobre a Casa dos Rosa no Jornal “O Timoneiro”**



Matéria estava presente na primeira página do jornal<sup>18</sup>. Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Canoas, 1985.

No ano de 2009 a Prefeitura da cidade criou uma equipe de patrimônio para atuar na valorização e recuperação dos prédios históricos, além de preparar um cronograma de tombamentos, priorizando locais de maior representatividade na história local. A partir desse movimento, na área central da cidade, foram tombados os prédios da antiga Estação Férrea, da Vila Mimosa e da Casa dos Rosa, com o objetivo de posteriormente transformá-los em instituições culturais para difusão artística na área central da cidade.

A Casa dos Rosa, que naquele momento era imóvel da Universidade Luterana do Brasil<sup>19</sup> (ULBRA-Canoas), foi avaliado em R\$11,15 milhões e repassado à União para pagamento de dívidas da Universidade, que estava em meio a uma crise financeira. Em entrevista para o Diário de Canoas, o prefeito da cidade na época, Jairo Jorge, relatou que houve uma longa negociação para garantir o tombamento da edificação, ressaltando que “[...] nossa preocupação era evitar que a casa fosse repassada para a iniciativa da privada” (SILVA, 2015, doc. eletr.).

A Casa dos Rosa passou a ser imóvel da Prefeitura no ano de 2013 e desde então começaram os planejamentos para a restauração. No projeto inicial a Casa dos Rosa passaria a abrigar o Museu Municipal Hugo Simões Lagranha e um café.

<sup>18</sup> Na imagem, lê-se: “Neste prédio, Canoas poderá ter a sua Biblioteca Pública Municipal e o seu Arquivo Histórico. Esta é a reivindicação ao Prefeito Municipal, feita pela Fundação Cultural de Canoas, Sociedade de Engenharia e Arquitetura de Canoas e Associação Canoense de Proteção ao Ambiente Natural”.

<sup>19</sup> É uma instituição de ensino superior privada brasileira, localizada na Avenida Farroupilha, 8001 - Bairro São José, Canoas/RS.

A área arborizada ao redor da edificação iria ser remodelada para tornar-se o Parque dos Rosa, proporcionando um espaço de lazer fora da edificação que abrigaria o Museu. Inicialmente, o Parque dos Rosa estaria interligado a um outro Parque, o Parque das Taças, conectando por meio de uma passarela a Avenida Victor Barreto e a Rua Quinze de Janeiro (Figura 13).

Figura 13 - Mapa do Parque dos Rosa e Taças da CORSAN



Fonte: GOOGLE MAPS, 2017.

A restauração da Casa dos Rosa para abrigar o Museu Hugo Simões Lagranha teve começo no ano de 2015. Os projetos executivo e arquitetônico levam a assinatura da empresa Kiefer Arquitetos, e as obras ficaram a cargo da Interativa Construções. A parte externa (muros, portão, identidade visual, paisagismo) ficou sob responsabilidade de um grupo interdisciplinar, composta pela equipe do escritório Léa Japur Paisagismo e da Hype Studio Roberto Bastos, responsável pela programação visual. Na recuperação do local foram investidos aproximadamente R\$1,8 milhão, com recursos do Banco de Desenvolvimento da América Latina. (PREFEITURA..., 2016). Cabe dizer que estavam envolvidos no projeto, além das empresas contratadas citadas, funcionários da Secretaria da Cultura e os funcionários do Departamento de Cidadania Cultural da Prefeitura, do Museu e do Arquivo Público.

A arquiteta e paisagista Léa Japur, uma das responsáveis pela ambientação do Parque dos Rosa, comenta que:

[...] foi-nos solicitado o projeto de quatro parques para a cidade de Canoas, como contrapartida da Nex para a Prefeitura. Entre eles se encontrava o Parque das Taças, assim chamado por incluir na área o terreno atrás da Casa dos Rosa, pertencente à CORSAN. A Casa já estava em processo de revitalização pelo arquiteto Flavio Kiefer, que também lançaria na área o anteprojeto do teatro municipal. Teríamos desta forma um parque cruzando o terreno todo, ligando as ruas 15 de Janeiro com Victor Barreto. Por ser uma área muito arborizada optamos por fazer esta travessia por uma grande passarela elevada, possibilitando nela também serem feitas exposições contando a história de Canoas ou mesmo aves ou plantas da região. (JAPUR, 2017, doc. eletr.)

O projeto do Parque das Taças não chegou a se concretizar. Quando o grupo responsável pela concepção do Museu começou a projetar a distribuição do espaço, a exposição histórica iria ocupar as sete salas expositivas da Casa dos Rosa (Anexo 1). No andar superior, ficaria a exposição de longa duração e nas salas do andar térreo aconteceriam as exposições temporárias.

As decisões acerca da exposição tiveram de ser tomadas em aproximadamente um mês antes da inauguração do Parque dos Rosa. Os entrevistados que participaram desse processo comentaram que não houve tempo ou recursos para a realização de um projeto expográfico para conceber a exposição. De acordo com Airan Aguiar, gerente de Museu e Arquivo “[...] foi feita uma concepção coletiva com algumas pessoas, por exemplo, ‘vamos pendurar uma máquina de escrever’, ‘vamos fazer tal coisa’, ‘vamos botar os cubos de novo na exposição’, alguns mapas, alguns gráficos, aí foi se constituindo” (2017, inf. verbal). A escolha dos objetos, a higienização e a concepção dos textos expositivos foram demandas resolvidas nesse período. No dia 10 de novembro de 2016 foram inaugurados o Parque e a Casa dos Rosa (Figura 14), contando com sete salas expositivas e com área total de 508m<sup>2</sup>.

Figura 14 - Inauguração do Parque dos Rosa



Fonte: Sul21, 2016<sup>20</sup>.

Segundo o inciso 2 do Art. 4 da Lei nº 6077, de 19 de dezembro de 2016, que institui a Rede de Equipamentos Culturais da cidade de Canoas, fica salientada as competências da Casa dos Rosa:

- I - abrigar o Museu Municipal Hugo Simões Lagranha nas dependências da Casa dos Rosa, espaço tombado, restaurado e patrimônio cultural de Canoas;
- II - preservar e promover a memória, a história e a cultura local;
- III - organizar exposições de promoção do patrimônio cultural, da memória, da história e atividades afins através de 7 (sete) salas expositivas, contando com 3 (três) para exposições permanentes e 5 (cinco) para exposições temporárias (sic);
- IV - agregar atividades de fomento, discussão e formação acerca do patrimônio cultural;
- V - desenvolver atividades formativas através da promoção de visitas guiadas para a população. (CANOAS, 2016, doc. eletr.)

A Casa dos Rosa foi o espaço concebido pela Prefeitura de Canoas para abrigar o Museu Municipal. Caracterizado como um museu de história, que representa a história local, é destinado a “[...] fazer viver as memórias coletivas nesses tempos de individualismo e de fragmentação do tempo. Eles são um espaço de memória e poder” (ALVES, 2014, p.24).

Na concepção de uma exposição que se dá no tempo presente, por um grupo seletivo de pessoas, algumas histórias acabam sendo evidenciadas por meio de

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/canoas-inaugura-parque-dos-rosa-cultura-lazer-e-historia/>>. Acesso em: 05 de nov de 2017.

objetos na exposição em detrimento de outras, que permanecem guardadas em sua reserva técnica. Ainda há outro fator para que ocorra essa seleção: as relações de poder que envolvem uma instituição de memória, ainda mais se pensar em um museu ligado à Prefeitura de uma cidade, que envolve a aprovação de diversas instâncias e agentes. Por isso, ao utilizar dos conceitos de Walter Benjamin, Mariza Veloso (2003, p.116) afirma que “[...] os museus trazem uma história ‘narrada’ e outra ‘silenciada’”.

O local que evidencia as narrativas e silenciamentos em um museu é a exposição. A partir da revisão do histórico da cidade de Canoas e da trajetória do Museu Hugo Simões Lagranha, instituição que, como museu de cidade, se propõe a representar a história e memórias locais, pode-se fazer as seguintes perguntas que nos levam ao próximo capítulo: Qual é a representação da cidade de Canoas na exposição de longa duração do Museu? Que materialidades foram selecionadas para construir essa memória? Há a produção de uma identidade local?

### **3 AS EXPOSIÇÕES DO MUSEU MUNICIPAL HUGO SIMÕES LAGRANHA E AS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE CANOAS**

*Para o bem e para o mal os museus não são blocos homogêneos e inteiramente coerentes. Ali mesmo em suas veias circulam corpos e anticorpos, memória e contramemória, seres vivos e mortos.*

Mário Chagas

Uma exposição nasce da intenção de comunicar uma ideia, um tema, um conjunto de artefatos, um recorte conceitual sobre determinado acervo museológico. Abrange ações de selecionar, pesquisar, documentar, organizar, exibir e difundir (BRUNO, 2008). Tereza Scheiner (2001, [n.p.]) a conceitua: “Tecnicamente, uma exposição é uma composição cujos elementos encontram-se dispostos num espaço pré-determinado, harmoniosamente conjugados para transmitir a um grupo de pessoas uma determinada mensagem, com fins culturais”. A partir do viés comunicativo da exposição, Elisa Guimarães Ennes ([s.a.], p.9) analisa que uma exposição é organizada para tornar visível uma “ordem não explícita das coisas”, fazendo com que a linguagem se entrecruze com o espaço. Para tanto, o objeto precisa de um contexto que possibilite a ampliação de suas significações.

As duas autoras supracitadas evidenciam a exposição como uma forma de linguagem, que constrói uma narrativa a partir de objetos musealizados e recursos expográficos (tais quais vitrines, luzes, cenografias, textos expositivos e legendas). Segundo Scheiner (2002, p.96):

Através das exposições, os museus elaboram uma narrativa cultural que os define e significa, enquanto agências de representação sócio-cultural. Definidas como espelhos da sociedade ou mesmo como uma janela que o Museu abre para o mundo, exposições constituem uma ponte, ou elo de ligação entre as coisas da natureza e a cultura do homem, tais como são representadas nos museus. É por meio delas que o Museu representa, analisa, compara, simula, constrói discursos específicos cujo principal objetivo é narrar, para a sociedade, as coisas do mundo e as coisas do homem. Desta forma, podemos entender cada exposição como uma representação de mundo de um determinado museu, num determinado momento.

Nesse sentido, a exposição representa e (re)apresenta determinado aspecto a partir de critérios estabelecidos previamente. Nesse movimento, há uma seleção, seja de objetos, de memórias ou de narrativas. Conforme Marcos José Pinheiro (2004), ao eleger o que será lembrado, a partir de critérios e normas pré-definidas, o homem também está elegendo o que será esquecido. Nessa perspectiva é possível interpretar, a partir dos estudos sobre exposição e memória, que o processo evocativo ocorrido nos museus lida diretamente com representações consolidadas coletivamente (ABREU; CHAGAS; SANTOS, 2007). Muitas vezes, essas memórias são aquelas provenientes de um grupo, ou do lado “vencedor” da história, fazendo com que o discurso expositivo se torne mais uma ferramenta de manutenção de poder.

Ao trazer a definição de lugares de memória, de Pierre Nora, Zita Possamai (2010, p.213) complementa que nas instituições dedicadas à memória “[...] encontra-se não a memória de um grupo, cidade ou nação, mas sim uma determinada memória que foi construída pelos atores sociais daquele grupo, cidade ou nação, e que adquiriu legitimação ao longo dos anos”. Os objetos inseridos num contexto museológico servem de suporte para a memória, deixando de ser apenas materialidades funcionais e passando a possuir um sentido simbólico. Portanto, por trás de cada museu e exposição há uma “[...] proposta de consagrar uma ideia ou identidade através da reunião e disposição de objetos percebidos como significativos” (CARDOSO, 2003, p.190).

O Museu Hugo Simões Lagranha passou por um processo intenso de seleção de memórias e materialidades durante a sua mudança de sede e concepção da exposição abrigada na Casa dos Rosa. A exposição que estreou o espaço (Figura 15) consistia em uma narrativa histórica nos dois andares da edificação, assim divididas: No térreo, a primeira sala continha a linha do tempo histórica de Canoas, mapas da cidade e objetos referentes à Canoas. Na segunda sala, a projeção do filme *Canoas: memória em movimento* (2017)<sup>21</sup>, produzido pelo cineasta canoense Antonio Jesus Pfeil. Na terceira sala ficavam expostos os *tablets* multimídia para acesso dos visitantes à história dos antigos prefeitos de Canoas, a família Rosa, mapas da cidade e fotos de Canoas antiga. Na última sala, a exposição fotográfica *Casa dos Rosa: Fragmentos*, com fotografias da Casa dos Rosa antes de seu restauro tiradas pelo historiador Israel Boff, com curadoria de Yara Balboni e Rafael Muniz.

No segundo andar se encontrava a exposição de longa duração, dividida em três salas expositivas. A primeira, chamada de Sala de Comunicação, voltada à linguagem, remetia à escrita e à fala através de objetos tecnológicos. A segunda sala, nomeada Sala Antônia Flório Escobar<sup>22</sup>, possuía objetos de diferentes procedências e temáticas, entre os quais os pertences da professora Antonia Flório Escobar, o diário de Santos Ferreira e utensílios de barbearia. A terceira sala consistia numa reprodução do gabinete do ex-prefeito Hugo Simões Lagranha.

---

<sup>21</sup> O filme consiste em uma compilação de trechos de filmagens feitas na cidade de Canoas desde o início do século XX.

<sup>22</sup> Nomeada pela Lei nº 5202 de 30 de agosto de 2007, Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2007/521/5202/lei-ordinaria-n-5202-2007-da-denominacao-de-sala-professora-antonia-florio-escobar-a-sala-de-acervo-historico-do-museu-municipal-hugo-simoes-lagranha?q=museu>> Acesso em: 02 out. 2017.



Figura 15 - Exposição de inauguração do Museu Hugo Simões Lagranha na Casa dos Rosa



Em sentido horário: Primeira sala do térreo (figura acima à direita); Sala Comunicação no segundo andar (figuras abaixo); terceira sala do segundo andar (figura acima à esquerda). Fonte: CANOAS, 2017<sup>23</sup>.

É possível classificar uma exposição de acordo com alguns critérios, tais como: tempo, local, acervo e público alvo (D'ALAMBERT; MONTEIRO, 1990). As duas exposições que o Museu Hugo Simões Lagranha abrigou no ano de 2017 no segundo andar da Casa das Rosa são melhor classificadas a partir de seu acervo, portanto, serão chamadas de exposição histórica, diferenciando das exposições de arte que a Casa dos Rosa passou a abrigar no seu andar térreo.

Com a mudança de gestão da Prefeitura de Canoas e conseqüentemente da Casa dos Rosa, ocorrida no início do ano de 2017, foram realizadas modificações na exposição. O espaço do andar térreo, destinado às exposições temporárias, passou a abrigar exposições temporárias de arte, valorizando o trabalho dos artistas canoenses. O segundo andar manteve-se dedicado à exposição histórica do Museu Hugo Simões Lagranha.

Em 2017 ocorreu a 11ª Primavera dos Museus, na semana do dia 18 a 24 de setembro. Para contemplar o tema "Museus e suas memórias", a equipe do Museu

<sup>23</sup> Disponível em: < <http://www.canoas.rs.gov.br/site/home/pagina/id/403>>. Acesso em: 02 de nov de 2017.

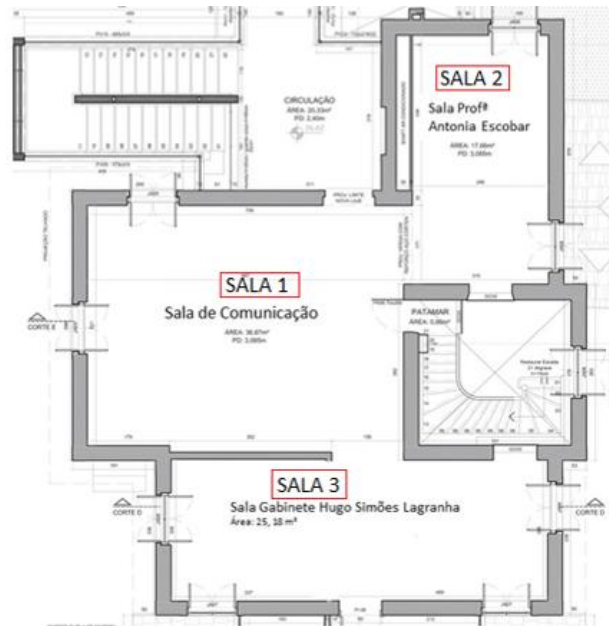
Hugo Simões Lagranha concebeu uma nova exposição histórica na sala anteriormente designada aos objetos comunicacionais, chamada *Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha: dois homens, uma cidade e um museu*. Na sala Antônia Flório Escobar, foi recomposta a exposição fotográfica *Casa dos Rosa: Fragmentos*.

Neste capítulo, irei analisar as duas exposições históricas que o Museu Hugo Simões Lagranha abrigou no segundo andar da Casa dos Rosa no ano de 2017, a partir de visitas realizadas ao local e das entrevistas realizadas com os envolvidos nos processos de concepção e montagem. Tendo em vista o Museu como uma *agência de representação* (SCHEINER, 2002) da cidade de Canoas, analiso como a cidade e sua história se faz presente nas exposições da instituição.

### **3.1 Exposição 1: Narrativas fragmentadas**

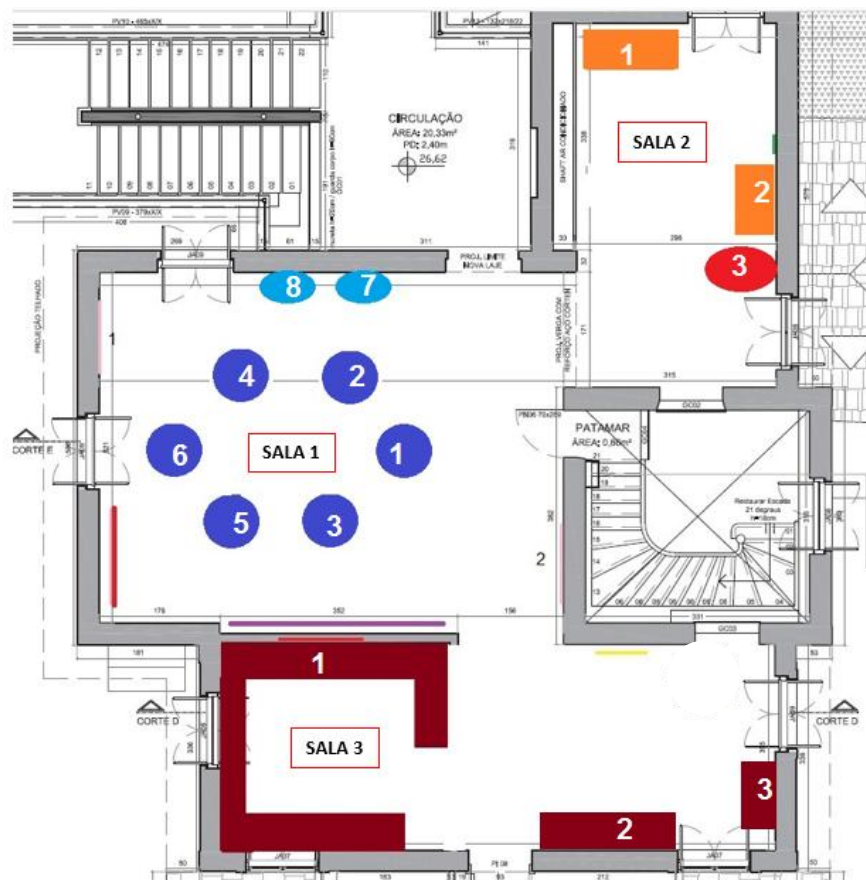
A exposição histórica alocada apenas no segundo andar da Casa dos Rosa foi inaugurada no início do ano de 2017, mantendo muitos elementos da primeira concepção expográfica descrita anteriormente. A exposição dividiu-se em três salas, chamadas de: Sala de Comunicação, Sala Professora Antonia Flório Escobar e Sala Gabinete de Hugo Simões Lagranha (Figura 16). Cada sala conta com uma narrativa diferente acerca da história da cidade de Canoas, tendo seus elementos expográficos distribuídos conforme a Figura 17.

Figura 16 - Planta baixa da Exposição 1



Planta baixa original fornecida pelo Museu Hugo Simões Lagranha. Fonte: Da autora, 2017.

Figura 17 - Planta baixa da Exposição 1 com disposição dos objetos



**Sala 1:** (1) Máquina de escrever; (2) Lanterna; (3) Sino; (4) Aparelho de Telex; (5) Rádio; (6) Central Telefônica; (7-8) Máquinas de escrever penduradas na parede. **Sala 2:** (1) Vitrine com objetos da professora Antonia Florio Escobar; (2) Vitrine com objetos da Barbearia Rio Grande; (3) Cadeira de Barbeiro. **Sala 3:** (1) Móvel do escritório pessoal do Lagranha; (2) Estante do escritório; (3) Escrivadinha. Planta baixa original fornecida pelo Museu Hugo Simões Lagranha. Fonte: Da autora, 2017.

Seguirei o percurso realizado durante a primeira visita que fiz à exposição para nomear a sequência das salas. A Sala de Comunicação é a primeira que o visitante tem contato ao entrar no espaço expositivo, portanto denominarei de sala 1 (Figura 16). Esta exposição teve sua primeira concepção para a 8ª Primavera dos Museus, no ano de 2014, com o tema *Coleções criam Conexões*, ou seja, antes do Museu Hugo Simões Lagranha ser abrigado na Casa dos Rosa. A partir desse contexto, o objetivo era apresentar as tecnologias que possibilitaram conexões durante as décadas na cidade. A exposição foi reorganizada para ocupar a Casa dos Rosa.

Em abril de 2017 a sala 1 continha oito objetos expostos: (1) Máquina de escrever; (2) Lanterna; (3) Sino; (4) Aparelho de Telex; (5) Rádio; (6) Central Telefônica; (7-8) Máquinas de escrever penduradas na parede (Figura 17). Além das materialidades tridimensionais, compunha o espaço um quadro com reprodução de mapa da *Villa Nitcheroy*, linha do tempo com fatos marcantes da cidade de Canoas, entre eles, a Casa dos Rosa (Figura 18).

Figura 18 - **SALA 1: Sala de Comunicação**



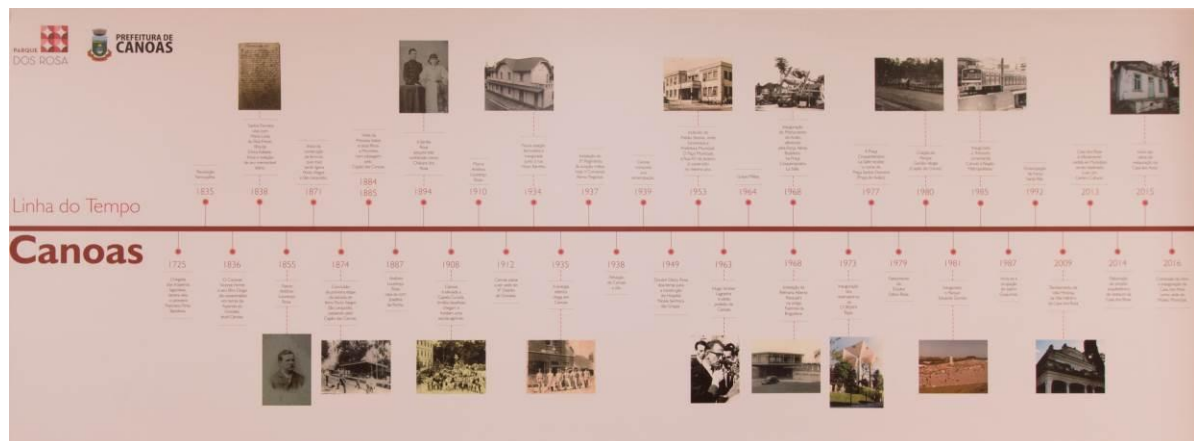
Fonte: Da autora, 2017.

Segundo Ennes ([s.a.], p.9), a linguagem museológica é “essencialmente espacial e visual”. Nesse sentido, todos os elementos que constituem a narrativa expográfica fazem parte do discurso da exposição. Na sala 1 os objetos possuíam uma legenda individual, onde era indicado seu nome, época, função e atribuição na

história da cidade de Canoas. Algumas legendas inseriam os objetos no contexto histórico da cidade, porém, outras tinham poucas informações. As legendas foram fixadas na frente dos cubos que serviam de suporte, tornando difícil a visualização das mesmas e sendo preciso se abaixar para serem lidas (Figura 15, no canto inferior esquerdo).

A linha do tempo (Figura 19) se encontrava em destaque na parede de frente à entrada da sala 1. Foi inicialmente concebida para abarcar acontecimentos a nível internacional, nacional, regional e municipal (ENTREVISTADA II, 2017, inf. verbal). Por conta do espaço, optou-se pelos fatos marcantes ocorridos entre os anos de 1725 e 2016 na cidade de Canoas, no que tange sua história, a história da Família Rosa e da Casa dos Rosa (Anexo 2).

Figura 19 - Linha do tempo



Fonte: Da autora, 2017.

Pela linha do tempo se constrói a relação entre a história de Canoas e a Casa dos Rosa. Por ter sido a primeira edificação da cidade, realizada a partir da linha férrea, foi feito um paralelo com o desenvolvimento da cidade, se tornando, segundo Airan Aguiar (20017, inf. verbal) “a principal narrativa que o museu tem”. A Casa acaba por se tornar um dos bens histórico-culturais do Museu, o que auxilia na narrativa expográfica.

Para Aguiar (2017, inf. verbal), historiador e gerente do Museu Hugo Simões Lagranha, essa exposição apresenta a cidade de Canoas como:

Uma cidade que estava se comunicando. Uma cidade que se comunicava... Eu sempre falo que Canoas é um meio de caminho entre Novo Hamburgo e Porto Alegre. Pode parecer arrogante da minha parte, mas acontece muitas vezes. E Canoas comunica isso. Ela está sempre nesta relação. Tanto é que ela vai se constituir como cidade justamente quando ela é uma parada

de trens entre Porto Alegre e São Leopoldo. É como vai surgir a cidade. Através de objetos que tinham de comunicação, justamente para ligar a cidade com a região metropolitana. Era a lanterna do trem, era o telex, o telefone, a central telefônica. São todos objetos ligados a esta parte da comunicação. Canoas, ela liga, ela interliga toda a Região Metropolitana. E se constitui hoje em dia como a principal cidade depois de Porto Alegre.

Nesse sentido, os objetos expostos nesta sala se enquadram na categoria de objetos metafóricos (MENESES, 1994, p.28), que servem para ilustrar “[...] sentidos, conceitos, ideias, problemas que não foram deles extraídos, mas de outras fontes externas, independentes daquilo que se está apresentando”. Tal maneira de expor faz com que sejam indispensáveis as legendas e auxílios expositivos que construam o sentido da exposição.

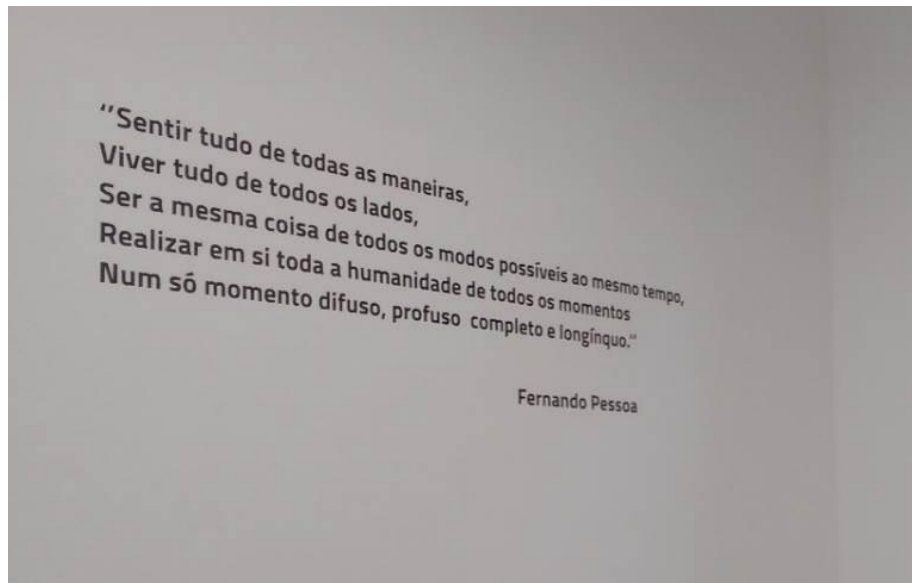
Nas paredes, o único texto expositivo consistia em frases dos poetas Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa (Figuras 20 e 21). Tais frases não faziam ligação com a temática exposta, não ficando explícito seu objetivo no contexto expositivo.

Figura 20 - Frase de Carlos Drummond de Andrade



Descrição: “Palavra, palavra, se me desafia, aceito o combate”, Carlos Drummond de Andrade.  
Fonte: Da autora, 2017.

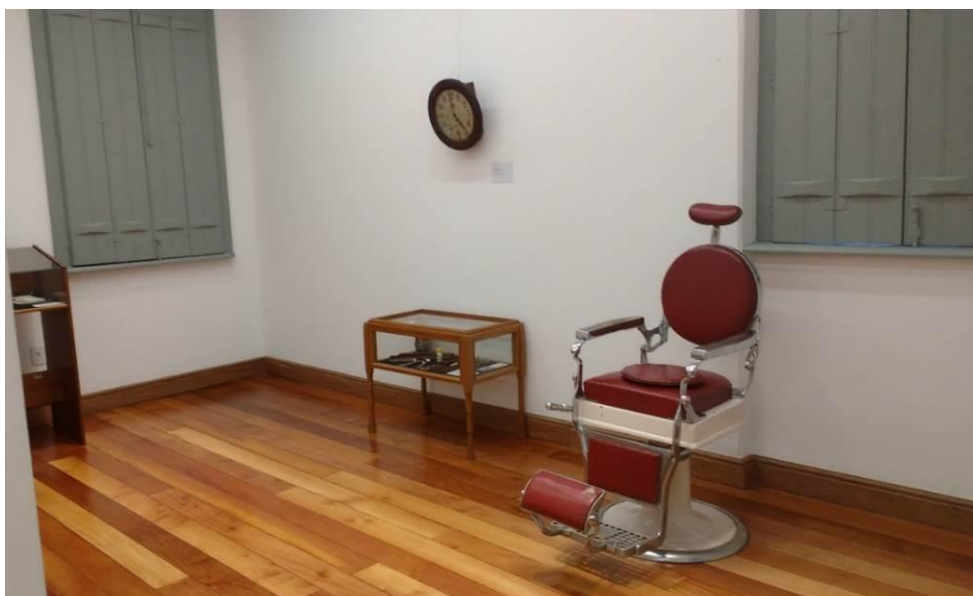
Figura 21 - Frase de Fernando Pessoa



Descrição: "Sentir tudo de todas as maneiras, Viver tudo de todos os lados, Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo, Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos. Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo", Fernando Pessoa. Fonte: Da autora, 2017.

A sala 2 (Figura 17), denominada Antônia Flório Escobar, é a única do Museu que possui um nome fixo em homenagem à professora que prestou serviço durante muitos anos à cidade. Nesta sala (Figura 22), encontravam-se dispostas duas vitrines. Na vitrine 1 estavam os objetos referentes à professora, sendo esses: um xale, uma camisa, uma calça, uma bolsa e medalha recebida como honra ao mérito pelo seu trabalho (Figura 23). Na vitrine 2, diversos utensílios de barbeiro utilizados nos ofícios da Barbearia Rio Grande (Figura 24), ao lado da cadeira da barbearia.

Figura 22 - SALA 2: Sala Antonia Flório Escobar



Fonte: Da autora, 2017.

Figura 23 - **Vitrine 1: objetos da professora Antônia Flório Escobar**



Fonte: Da autora, 2017.

Figura 24 - **Vitrine 2: objetos Barbearia Rio Grande**



Fonte: Da autora, 2017.

Não havia nestas duas salas texto de abertura, ou indicação do título da exposição, o que dificulta o entendimento da narrativa proposta pelos curadores da mesma. Nas mediações realizadas, supria-se a necessidade de informações, mas conforme Rafael da Silva Alves (2014, p.35):

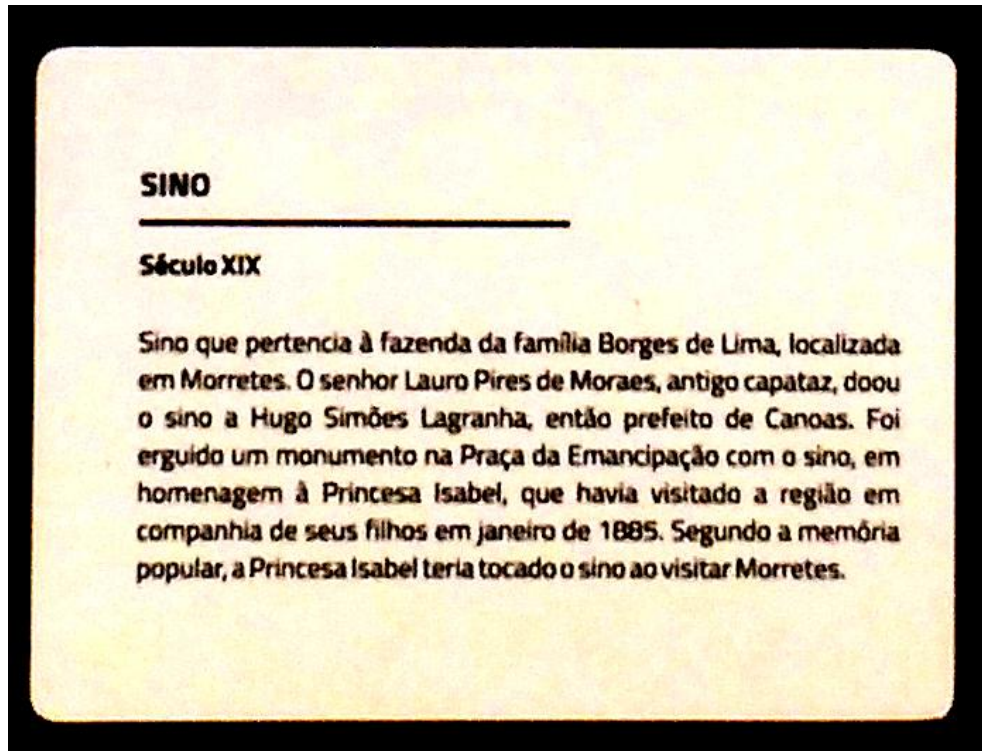
Não basta simplesmente inserir os objetos no museu, incluindo-os no circuito de visitação. Somente isto não basta para ele realmente ganhar os valores patrimoniais que fazem do objeto digno de ser musealizado e assim, compor a construção da identidade coletiva. É preciso oferecer ao objeto



condições para que ele realmente contribua para a transformação e para a releitura do passado e da sociedade na atualidade. É preciso fazer com que o objeto realmente seja parte da memória.

Nessas salas apresentadas fica perceptível, a partir das legendas (Figura 25), uma personificação vinculada aos objetos, sempre remetendo o acervo a seu dono ou doador.

Figura 25 - Exemplo de legenda



Descrição: SINO. Século XIX. Sino que pertenceu à fazenda da família Borges de Lima, localizada em Morretes. O senhor Lauro Pires de Moraes, antigo capataz, doou o sino a Hugo Simões Lagranha, então prefeito de Canoas. Foi erguido um monumentos na Praça da Emancipação com o sino, em homenagem À Princesa Isabel, que havia visitado a região em companhia de seus filhos em janeiro de 1885. Segundo a memória popular, a Princesa Isabel teria tocado o sino ao visitar Morretes. Fonte: Da autora, 2017.

A estagiária do curso de Museologia que atuou no processo de montagem da exposição comenta que não houve critérios fixos para a escolha dos acervos, sendo a relevância histórica e aparência estética dos objetos o critério utilizado (ENTREVISTADO II, 2017, inf. verbal). A partir disso, entende-se a dificuldade de elaborar uma narrativa da exposição sem a necessidade de mediação: os objetos sozinhos evocam uma história fragmentada da cidade.

A última sala do circuito, sala 3, é a que reproduz o gabinete do ex-prefeito Hugo Simões Lagranha (Figura 17). É a única que não sofreu grande modificação nos meses analisados, pois é composta por móveis que não cabem na reserva técnica do Museu, estando fadada a ter elementos permanentes em seu discurso

(Figuras 26 e 27). A análise desta será realizada a partir das visitas feitas por mim à exposição no mês de setembro de 2017 e das entrevistas citadas.

O acervo do Museu referente ao ex-prefeito é expressivo em quantidade, constituído desde mobiliários até canetas de seu escritório, deixados em testamento pelo mesmo. Quando na sede dividida com a Secretaria de Cultura, parte desse acervo também se encontrava exposto. Na Casa dos Rosa, estão em exposição os móveis do gabinete, objetos decorativos, livros diversos, quadros, fotos pessoais e troféus recebidos como mérito a suas gestões, criando uma ambientação do seu local de trabalho dentro do Museu.

Figura 26 - **SALA 3: Sala do ex-prefeito Hugo Simões Lagranha, vista à direita**



Fonte: Da autora, 2017.

Figura 27 - SALA 3: Sala do ex-prefeito Hugo Simões Lagranha, vista à esquerda



Fonte: Da autora, 2017.

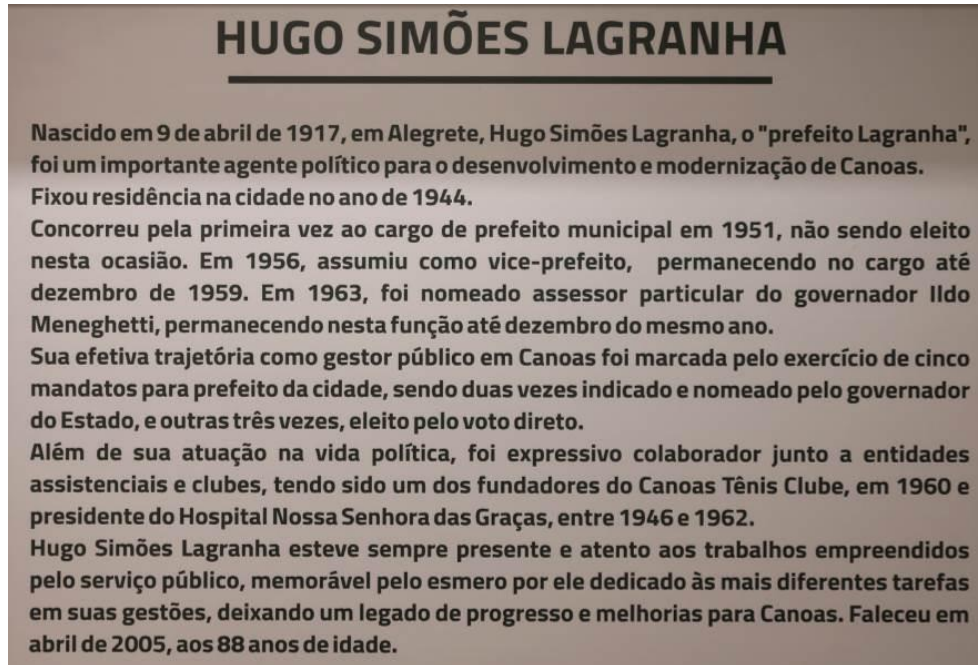
A representação simbólica desses objetos remete a um político intelectual, que realizou, de acordo com a narrativa do Museu, grandes feitos em suas gestões. Bittencourt (2009, p.95), pondera que “[...] os artefatos, de certa forma, nos fazem. Podemos facilmente reconhecer uma pessoa através de seus objetos”. O fato do próprio Lagranha ter inventariado os seus bens a serem preservados o coloca como um dos “construtores” dessa imagem e memória acerca de sua figura, tendo construído a partir dos objetos uma forma de “memória de si”. Conforme Renato Janine Ribeiro (1998, p.35):

[...] o desejo de perpetuar-se, mas, mais que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória. [...] O que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos pode indicar, será esse anseio de ser, a posteriori, reconhecido por uma identidade digna de nota.

O discurso expositivo nos insere numa representação do gabinete do ex-prefeito, como uma cenografia feita com objetos musealizados. Nessa sala, os objetos não possuem legenda, como se o que está sendo exposto se justificasse apenas por ter pertencido ao ex-prefeito. O único texto expográfico (Figura 28) dessa sala reforça a figura de Hugo Lagranha como um político de grande destaque,

“memorável pelo esmero e dedicação” quando à frente da prefeitura de Canoas e proporcionar melhorias nos diversos âmbitos das necessidades públicas.

Figura 28 - **Texto expositivo, sala 3**



Fonte: Da autora, 2017.

Não tenho como objetivo analisar as ações de Lagranha enquanto ex-prefeito da cidade de Canoas, mas refletir sobre a representação que é construída sobre ele pela exposição do Museu. Enquanto os objetos e texto expõem ao público um político intelectual e portador de prestígios pelos atos realizados enquanto prefeito de Canoas, enaltecendo suas gestões, deixam de lado outras histórias possíveis de serem contadas e problematizadas, como por exemplo: o período em que Lagranha presidiu Canoas durante a ditadura pela legenda da Aliança Renovadora Nacional (ARENA)<sup>24</sup>, ou a atuação dele para além de seu gabinete, podendo trazer à tona faces do prefeito que não são tão reconhecidas e provocando a reflexão dos visitantes sobre sua figura e atuação na cidade de Canoas.

Fazendo uma leitura dos elementos que compõe estas três salas de exposição, pode-se entender que a representação da cidade de Canoas é construída a partir de três eixos: política, a partir do acervo do Lagranha; educação, por meio da apresentação do acervo da professora Antonia Flório Escobar; e a

<sup>24</sup>Partido político brasileiro fundado em 1966 dentro do sistema de bipartidarismo instaurado no país. O bipartidarismo foi implantado como instrumento político da dominação autoritário-militar, visando concentrar prerrogativas de controle político no Executivo sobre o qual as forças armadas possuíam completo poder. A ARENA desapareceu em 29 de novembro de 1979, quando o Congresso decretou o fim do bipartidarismo e abriu espaço para a reorganização de um novo sistema multipartidário. (LIMA JR, [s.a.], doc. eletr.)

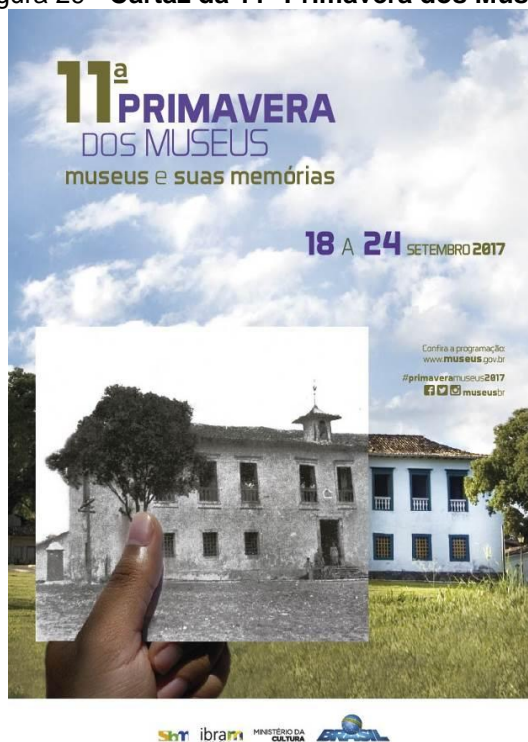
modernização tecnológica evocada pelos objetos de comunicação. Tais eixos são identificados em outros museus de cidade, principalmente no que tange a narrativa evolucionista e com a presença de figuras ilustres.

A concepção destas três salas expositivas se deu a partir da mudança de sede do Museu Hugo Simões Lagranha. Teve-se a chance, a partir dessa reestruturação, repensar a expografia e as narrativas que o Museu construiria na Casa dos Rosa. Entretanto, percebe-se a escolha por não promover rupturas e novas reflexões sobre o discurso da cidade, mantendo os mesmos objetos que já vinham sendo expostos anteriormente, bem como a mesma forma de apresentá-los.

### 3.2 Exposição 2: Narrativas de poder político

Em setembro de 2017, a exposição histórica do Museu Hugo Simões Lagranha foi repensada para contemplar a 11ª Primavera dos Museus, que teve por tema *Museus e suas memórias* (Figura 29) e ocorreu de 18 a 24 de setembro de 2017. Para tanto, as salas 1 e 2 do Museu passaram a abrigar novos acervos e narrativas.

Figura 29 - Cartaz da 11ª Primavera dos Museus



Fonte: Instituto Brasileiro de Museus, 2017<sup>25</sup>

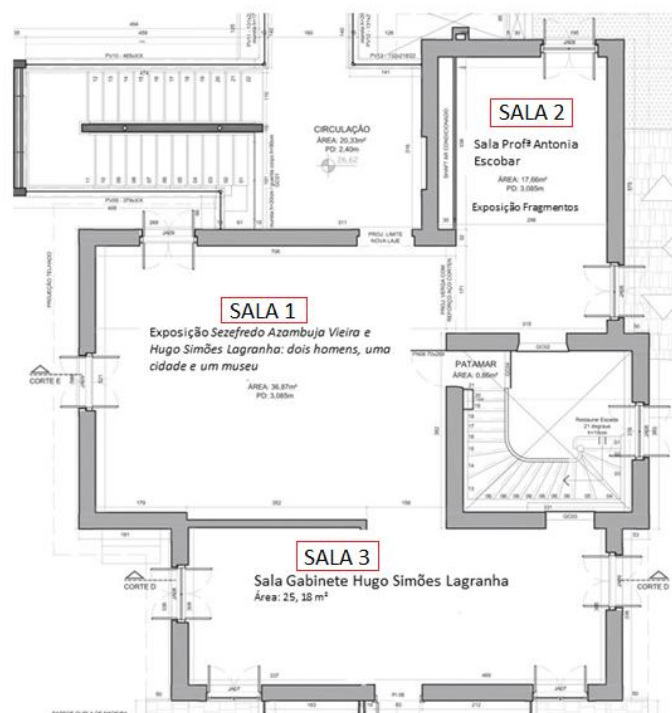
<sup>25</sup>Disponível em: <[https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/PrimaveraMuseus2017\\_Cartaz\\_A3.jpg](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/PrimaveraMuseus2017_Cartaz_A3.jpg)>. Acesso em: 10 out. 2017.

Segundo a carta de apresentação da 11ª Primavera dos Museus a temática *Museus e suas memórias* foi escolhida para que:

Um dos objetivos é que museus, e demais instituições culturais participantes, possam 'olhar para dentro' e refletir, junto com os grupos sociais presentes nos territórios nos quais estão inseridos, sobre os processos e resultados de sua própria constituição e produção. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2017, doc. eletr.)

Na sala 1 foi concebida a exposição *Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha: dois homens, uma cidade e um museu*, em homenagem aos patronos das duas instituições de memória da cidade de Canoas e ex-prefeitos da cidade que dão nome a exposição. A sala 2 passou a abrigar a exposição fotográfica *Casa dos Rosa: Fragmentos*, de Israel Boff, que mostra a Casa dos Rosa antes da restauração. A disposição das salas ficou conforme as Figuras 30 e 31.

Figura 30 - Planta baixa da Exposição 2



Planta baixa original fornecida pelo Museu Hugo Simões Lagranha. Fonte: Da autora, 2017.

Figura 31 - Planta baixa da Exposição 2 com a distribuição dos elementos expositivos



**Sala 1:** (1) Vitrine com panfletos e materiais do Museu e Arquivo Histórico; (2) Estante com documentos e objetos pessoais dos ex-prefeitos; (3) Vitrine com materiais de campanhas políticas dos ex-prefeitos. **Sala 2:** Fotos da exposição *Fragmentos*; **Sala 3:** (1) Móvel do escritório pessoal do Lagranha; (2) Estante do escritório; (3) Escrivania. Planta baixa original fornecida pelo Museu Hugo Simões Lagranha. Fonte: Da autora, 2017.

A exposição *Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha* (Figura 32) foi realizada em parceria com o Museu e Arquivo Histórico La Salle, tendo como um de seus objetivos “[...] informar e construir conhecimentos sobre as administrações dos prefeitos citados e sobre o museu histórico de Canoas” (GRAEBIN, 2017, [n.p]). Se constitui em uma exposição temporária de média duração, pois permanecerá em 2018 para o centenário do nascimento de Lagranha (ROSA, 2017, inf. verbal).

Segundo Edson da Rosa, assessor de gestão e parte da equipe de curadoria da exposição, esta “[...] busca a representação histórica e social de vários níveis, contando a história política, do que o representante da política fez de importante para o município, algo que ele conseguiu fazer de importante para a sociedade” (Idem, 2017, inf. verbal). Essa representação se faz a partir de documentos do Arquivo Histórico, de objetos pertencentes ao ex-prefeitos e que fazem parte do acervo do Museu e de reproduções fotográficas.

Figura 32 - SALA 1, exposição *Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha*

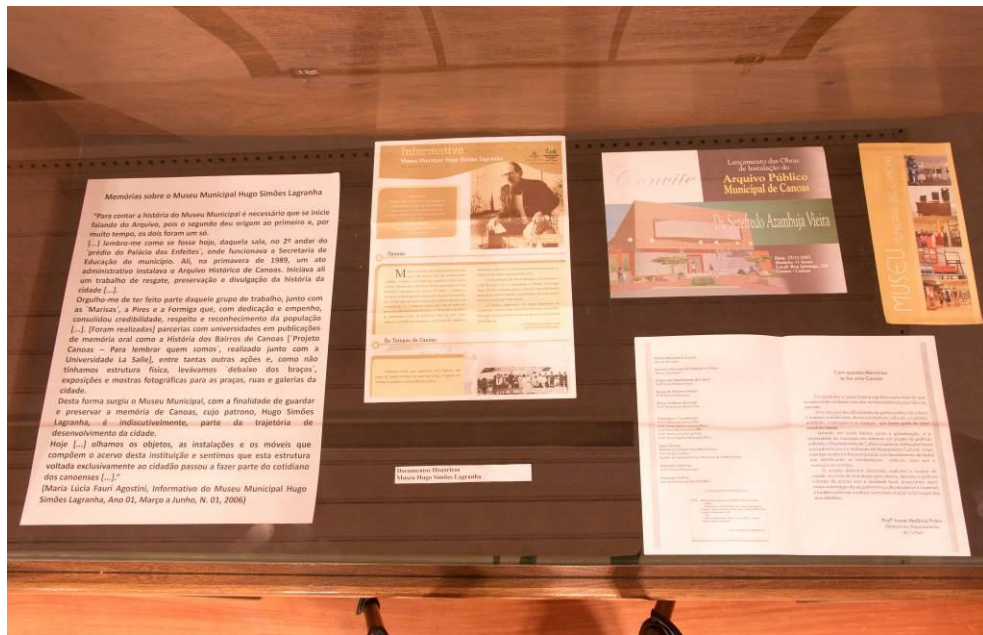


Fonte: Da autora, 2017.

A exposição conta com um texto de abertura localizado em cima da vitrine 1 (localizada na sala 1, conforme Figura 31. Texto à direita, ao lado da janela conforme Figura 32). No texto, se encontram informações sobre o Museu, os dois patronos e a ficha técnica da exposição. Na vitrine 1 (Figura 33), estão alguns panfletos e publicações informativas sobre o Museu e Arquivo Municipal, bem como um depoimento de Maria Lúcia Agostini sobre a criação desses dois lugares dedicados à memória da cidade de Canoas.



Figura 33 - **Vitrine 1: informativos do Museu e Arquivo Municipal**



Fonte: Da autora, 2017.

Na vitrine 2, estão distribuídos diversos documentos pessoais e políticos dos ex-prefeitos (Figura 34). Os documentos referentes ao Lagranha são: certificado de reservista do exército, carteira de identidade, licença para porte de arma, carteira do Colégio Militar, certidão de nascimento, discurso de posse de 1963, alguns documentos direcionados a ele com a legenda de “documentos sigilosos” e o quepe usado pelo prefeito. Já os de Azambuja consistem em: carteira de identidade, registro de emprego, manifestação política, esboço da história de Canoas escrito pelo prefeito e um cinzeiro e caneta tinteiro. A vitrine 3 (Figura 35) é dedicada a panfletos da vida política de Hugo Simões Lagranha e Sezefredo Azambuja Vieira.

Figura 34 - Documentos dos ex-prefeitos expostos na vitrine 2



Fonte: Da autora, 2017.

Figura 35 - Vitrine 3: Panfletos políticos



Fonte: Da autora, 2017.

Nas paredes, além da linha do tempo que permanece nesta exposição, foram colocados quadros e estruturas com reproduções de fotografias (Figura 36) dos ex-prefeitos em momentos pessoais de sua infância e em momentos políticos significativos para a cidade de Canoas, sendo alguns desses: posse dos prefeitos, inauguração do Colégio Marechal Rondon, inauguração da Praça Dona Mocinha, inauguração do Posto de Saúde, instalação do Arquivo Público, inauguração da Caixa Econômica.

Figura 36 - Reproduções de fotografias dos ex-prefeitos



Fonte: Da autora, 2017.

Pensando a proposta da 11ª Primavera dos Museus de ser um momento de reflexão das instituições museológicas sobre sua própria trajetória, o Museu Hugo Simões Lagranha, ao escolher homenagear os patronos do Museu e do Arquivo, desloca o possível olhar crítico para dois políticos de relevância na história da cidade e com trajetórias políticas consagradas. O ex-prefeito Hugo Simões Lagranha passa a ser contemplado com acervos em duas salas expositivas, tendo grande destaque na instituição.

A exposição *Casa dos Rosa: Fragmentos*, alocada na sala 2, exibe fotografias da Casa dos Rosa antes de sua restauração (Figura 37). Nesta exposição, a Casa dos Rosa novamente aparece como um patrimônio do Museu Hugo Simões Lagranha, musealizada a partir das fotos.

Figura 37 - SALA 2, montagem com as fotos da exposição *Casa dos Rosa: Fragmentos*



Fonte: Da autora, 2017.

Nessa nova concepção da exposição, percebe-se dois movimentos: o de destaque da história política e a consagração dos ex-prefeitos e patronos das instituições de memória do Município; e o de reconhecer a Casa dos Rosa como um patrimônio do Museu. No caso da exposição *Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha* o discurso expositivo mantém uma história de “homens ilustres”, isenta de contrapontos e proposições reflexivas. Os objetos são, neste contexto, apenas elementos usados para ilustrar a história dos dois ex-prefeitos, novamente de forma metafórica (MENESES,1994). De acordo com José Newton Coelho Meneses (2012, p. 42):

Edifícios, objetos e pessoas devem problematizar a história e não apenas servirem como objetos materiais expostos à curiosidade de quem quer conhecer. Eles devem estimular o pensamento acerca da dinâmica construção da cultura visitada. Caso contrário, a fruição será superficial e o esquecimento será o destino do produto interpretado. Quantas vezes visitamos um museu histórico e logo depois de sairmos dele não nos lembramos mais do rico acervo que vimos exposto! Os museus históricos, quando não problematizam a história, quando não permitem a interpretação instigadora do visitante, funcionam simplesmente como prateleiras de antiguidade.

Concluo este capítulo aproximando-me da concepção de Mário Chagas (2009) de que os museus podem ser “espaços celebrativos da memória do poder” ou “equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória”. Nesse sentido, as exposições do Museu Hugo Simões Lagranha se encaixam na primeira definição, constituindo um espaço de acervos personificados e voltados a um discurso da história tradicional, dos grandes feitos e personalidades. Esse modo contínuo de representar a cidade afasta a possibilidade de o Museu ser um espaço que contemple as múltiplas histórias e identidades locais, bem como se encaixar na definição de museu de cidade elaborada por Meneses (2003) de ser um espaço de reflexão, que dialoga com o presente e projeta o futuro da cidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao rever a história da cidade de Canoas, percebe-se que esta possui três fases demarcadas historicamente: *cidade de veraneio*, *cidade dormitório* e *cidade industrial*. Tais adjetivos foram usados para caracterizar a cidade a partir de uma visão política de modernização mas, apesar de serem denominações de marcos da transformação ocorrida na cidade, até hoje as expressões a caracteriza tanto entre seus moradores quanto para os municípios vizinhos. Canoas, como meio urbano, possui quase 150 anos de história, tecendo diversas memórias e contramemórias.

O Museu Hugo Simões Lagranha foi criado para ser a instituição de salvaguarda, pesquisa e comunicação da cultura material que se relaciona com a história da cidade de Canoas e de seus habitantes. Como muitos outros museus de cidade, o acervo do Museu se constituiu a partir de doação dos cidadãos e, nesse processo, formou coleções centradas em algumas pessoas, a exemplo da professora Antonia Flório Escobar e do ex-prefeito Lagranha. As representações que o Museu faz da cidade em suas exposições, portanto, dificulta a percepção da construção de uma identidade local com ampla participação.

Como um museu de cidade, o Museu Hugo Simões Lagranha é a instituição que se propõe a representar esse espaço urbano. É um local privilegiado, que pode vir a construir, desconstruir e reconstruir a história de Canoas a partir do seu discurso expográfico. Na primeira exposição analisada, permeou-se a ideia de modernização a partir das tecnologias. Ao fazer observações *in loco* identifiquei que a narrativa expográfica dificultava o entendimento do discurso de cidade apresentado e que as mediações tornaram-se facilitadoras desse processo. As mediações se propõem a contar a história da cidade a partir da Casa dos Rosa, que é considerada um marco na urbanização da cidade, mas utiliza os objetos como ilustrativos, sem explorar o potencial dos mesmos. Essa dinâmica também ocorreu com o gabinete do ex-prefeito Lagranha. A exposição histórica, por si só, não provocava ao visitante uma reflexão crítica acerca do passado da cidade e da construção de sua identidade como canoense.

Na segunda exposição analisada, o enfoque temático nos dois prefeitos de maior destaque na história da cidade também utiliza objetos como ilustrativos. O discurso é o de celebração desses dois políticos e de suas conquistas para a cidade de Canoas, não possibilitando uma pluralidade de leituras sobre o tema. Nas

entrevistas ficou perceptível que o público que mais se sentiu representado por essa exposição foram os mais velhos, que de alguma forma vivenciaram o período e acompanharam a política na época em que Azambuja e Lagranha estiveram à frente da Prefeitura.

Durante muitos anos o Museu do Município de Canoas aguardou uma sede que lhe proporcionasse visibilidade e permitisse uma nova forma de expor seus acervos museológicos. Com a mudança de sede para a Casa dos Rosa, houve uma mudança espacial da exposição, a tornando fisicamente mais atrativa, entretanto, não houve uma preocupação em mudar os discursos, acervos e posicionamentos evidenciados a partir do patrimônio citadino. A pesquisa demonstrou que as exposições continuam vinculadas à uma concepção antiga e tradicional de museu, que visa pela contemplação dos objetos, usados nesse contexto como ilustrativo de uma época que já passou. Mas nos dias atuais, os museus precisam reinventar suas narrativas e diversificar seus discursos, propondo reflexões sobre a sociedade contemporânea e auxiliando na construção do futuro. No caso dos museus de cidade o desafio é estar em sintonia com as necessidades locais e permitir que o visitante seja capaz de associar o passado, o presente e o futuro da cidade.

É importante ponderar alguns fatores que dificultaram o processo de concepção e montagem das exposições do Museu Hugo Simões Lagranha, e que foram evidenciados a partir das entrevistas realizadas: equipe reduzida, prazos curtos, falta de verba, ausência de profissional museólogo envolvido nas atividades, a inexistência de Plano Museológico na instituição, dependência e vinculação à órgãos superiores da Prefeitura são alguns deles. Tais fatores se inserem em outra temática: Gestão de museus. Apesar de não ser o foco deste trabalho, é preciso considerar que esses fatores consistem em um problema de gestão, que se reflete em todas as atividades e funções do Museu, inclusive nas exposições.

Durante o processo de pesquisa, chamou a atenção a relação dicotômica entre o Museu Hugo Simões Lagranha e a Casa dos Rosa, sendo duas instituições com propostas diferentes ocupando o mesmo espaço. Além disso, atenta-se para o fato de o Museu ter seu acervo dividido entre duas localizações na cidade: suas exposições abrigadas no segundo andar da Casa dos Rosa e sua reserva técnica na Secretaria Municipal da Cultura, o que dificulta o controle do acervo como um todo. Ao buscar informações no site da Prefeitura e nos jornais locais, observei a dificuldade que a mídia possui em nomear as instituições supracitadas, hora

aparecendo como Museu Municipal Casa dos Rosa, Museu Municipal de Canoas, Museu de Canoas, Museu Municipal Hugo Simões Lagranha, entre outras. Tal dificuldade e falta de padronização provavelmente seja resultado das diversas mudanças de sede e de identificação que o Museu passou desde sua criação. Tais fatores levam a uma questão inversa e complementar a realizada para este trabalho: Que identidade o Museu Hugo Simões Lagranha possui?

Nas duas exposições analisadas, a pesquisa evidenciou a tentativa de colocar a Casa dos Rosa como sendo um patrimônio do Museu a partir da narrativa e recursos expográficos. Esse movimento fica explícito nas entrevistas, porém não foi possível de ser confirmado nesta abordagem, deixando as seguintes perguntas em aberto: É possível afirmar que a Casa dos Rosa consiste em um patrimônio do Museu Hugo Simões Lagranha? Como funcionaria a gestão desse patrimônio pelo Museu?

Esta pesquisa se constituiu em um passo inicial, deixando em aberto questões possíveis de serem analisadas em futuras investigações. Evidenciou a carência de estudos na área de Museologia na cidade de Canoas, demonstrando a importância de se estudar os patrimônios e instituições museológicas da Região Metropolitana, para além da capital Porto Alegre.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/PHAN/DEMU, 2007. (Coleção museu, memória e cidadania).

AGOSTINI, Maria Lúcia. **Maria Lúcia Agostini: Entrevista III**. [nov. 2017]. Entrevistadora: Julia Maciel Jaeger. Canoas, 2017. 1 arquivo .mp3 (13 min)

AGUIAR, Airan Milititsky. **Airan Milititsky Aguiar: Entrevista I**. [out. 2017]. Entrevistadora: Julia Maciel Jaeger. Canoas, 2017. 1 arquivo .mp3 (26 min)

ALVES, Rafael da Silva. **Lendo o museu: relações entre a expografia e a historiografia no Museu da Inconfidência – Ouro Preto/MG**. 2014. 254 f. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-9KDGDX>> Acesso em: 02 maio 2017.

ANGELI, Douglas Souza. A construção da popularidade eleitoral: imprensa e candidatos a prefeito em Canoas/RS (1951-1959). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, **Anais**, Florianópolis, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1441908520\\_ARQUIVO\\_TrabalhoAnpuh2015\(1\).pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1441908520_ARQUIVO_TrabalhoAnpuh2015(1).pdf)> Acesso em: 10 out. 2017.

ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades**. 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Educação), Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21758/21758\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21758/21758_1.PDF)> Acesso em: 10 out. 2017

ARQUIVO HISTÓRICO E MUSEU DE CANOAS “DR. SEZEFREDO AZAMBUJA VIEIRA”. **Acervo de Peças**. Canoas, 1989. Livro tombo, n. 1.

\_\_\_\_\_. **Acervo de Peças**. Canoas, 2006. Livro tombo, n. 2.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CANOAS. **Hugo Simões Lagranha: período de 1968 a 1971**. Canoas: Tecnicópias, 2009. 212p. (Histórias de nossos prefeitos; Série documento, v.8)

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 110p.

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. p. 328.

BITTENCOURT, José Neves. As coisas dentro da coisa: observações sobre museus, artefatos e coleções. In: AZEVEDO, Flávia Lemos Mota; CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira (orgs.). **Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual**. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de curadoria - os caminhos do enquadramento e extroversão da herança patrimonial. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas 2**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p.15-23.

CANOAS. **Decreto n. 423, de 12 de maio de 1994**. Dá denominação ao Arquivo Histórico e Museu do município, 1994. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/decreto/1994/43/423/decreto-n-423-1994-da-denominacao-ao-arquivo-historico-e-museu-do-municipio?q=museu>> Acesso em: 28 nov.2017.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 5182 de 10 de julho de 2007**. Dá nome ao Museu Municipal de Canoas de Hugo Simões Lagranha, 2007. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2007/519/5182/lei-ordinaria-n-5182-2007-da-nome-ao-museu-municipal-de-canoas-de-hugo-simoes-lagranha?q=museu>>. Acesso em: 28 nov.2017.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 6077 de 19 de dezembro de 2016**. Institui a Rede de Equipamentos Culturais, 2016. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/2016/608/6077/lei-ordinaria-n-6077-2016-institui-a-rede-de-equipamentos-culturais?q=museu>> Acesso em: 28 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei ordinária n. 2334, 13 de Junho de 1985**. Cria o Arquivo Histórico Municipal, 1985 Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/lei-ordinaria/1985/234/2334/lei-ordinaria-n-2334-1985-cria-o-arquivo-historico-municipal?q=Lei%20n%BA%202334%20>> Acesso em: 28 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei Ordinária n. 3002, de 16 de outubro de 1990**. Fica criada a seção de Arquivo Histórico e Museu do Município junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura, revoga a lei nº 2334, de 13 de junho de 1985 e dá outras providências, 1990. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/c/canoas/lei-ordinaria/1990/301/3002/lei-ordinaria-n-3002-1990-fica-criada-a-secao-de-arquivo-historico-e-museu-do-municipio-junto-a-secretaria-municipal-de-educacao-e-cultura-revoga-a-lei-n-2334-de-13-de-junho-de-1985-e-da-outras-providencias-1990-10-16-versao-original>> Acesso em: 28 nov.2017.

CARDOSO, Rafael. Coleção e construção de identidades: Museus brasileiros na encruzilhada. In: BITTENCOURT, José Neves, BENCHETRIT, Sarah Fassa, TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (Eds.). **História Representada: O dilema dos museus: Livro do Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p.183-196 (Livros do Museu Histórico Nacional, v.1).

CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.23, p.21-31, 1994. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23_m.pdf)>. Acesso em: 14 de jun de 2017.

\_\_\_\_\_. Práticas de espaço. In.: **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1998, p.169-220.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia, v.19, n.19, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>>. Acesso em: 08 dec. 2017.

COLÉGIO MARIA AUXILIADORA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.nd.org.br/auxiliadora/index.php/about/estrutura.html>> Acesso em: 10 de out de 2017.

D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido. **Exposição**: materiais e técnicas de montagem. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.86.

DUARTE, Rachel. **Praia de Paquetá: refúgio de beleza natural na Região Metropolitana**. 12 fev. 2013 Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/praiade-paqueta-refugio-de-beleza-natural-em-plena-regiao-metropolitana/>>. Acesso em: 13 de out. 2017.

ENNES, Elisa Guimarães. **A narrativa na exposição museológica**. Rio de Janeiro: UNI-RIO, [s.a.]. 5 f. Apostila de sala de aula.

ENTREVISTADA II. **Estagiária do curso de Museologia**. Entrevista II. [out. 2017]. Entrevistadora: Julia Maciel Jaeger. Porto Alegre, 2017. 1 arquivo .mp3 (38 min)

FERREIRA, Débora Schardosin. Canoas. In.: DORFMAN, Adriana (Org.). **Territórios e Lugares da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre. Editora Letra 1, 2015. p.112-115.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Exposição**: Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha, dois homens, uma cidade e um museu. Canoas, Museu Histórico de Canoas Hugo Simões Lagranha, Museu e Arquivo Histórico La Salle, [2017]. Projeto de Exposição, não paginado.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença** - a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133. Disponível em: <[www.culturaegenero.com.br/download/hall.pdf](http://www.culturaegenero.com.br/download/hall.pdf)> Acesso em: 10 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **11ª Primavera dos Museus: Museus e suas memórias**. [folder]. Brasília, 2017. Disponível em: <[https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/PrimaveraMuseus2017\\_TextoReferencia.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/PrimaveraMuseus2017_TextoReferencia.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2017.

JAPUR, Léa. <p\*\*\*\*\*@leajapur.com.br>. **Entrevista sobre o Museu da Casa dos Rosa**. 2 de out. 2017. Mensagem para <ju\*\*\*\*\*@gmail.com> em 16 de out. de 2017.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelhos da cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 154p.

KONDER, Leandro. Um olhar filosófico sobre a cidade. In: PECHMAN, Robert Moses (Org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. p. 73-82.

LEITE, Demétrio Alves. **No percurso dos Antigos Caminhos**: A história de Canoas. Canoas: TecnoArte, 2012. 124p.

\_\_\_\_\_. **Repensando Canoas:** trajeto histórico, memória e imagem da cidade. Porto Alegre: Alternativa, 2017. 128p.

LIMA Jr, Olavo Brasil de . **Aliança Renovadora Nacional (ARENA)**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-renovadora-nacional-arena>> Acesso em: 20 nov. 2017.

MENESES, José Newton Coelho. A patrimonialização da vida: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural. In: BRUSADIN, Leandro Benediti; COSTA, Everaldo Batista da; PIRES, Maria do Carmo (orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras expressões, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O Museu na cidade x A cidade no museu: Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v.5, n.8/9, 1984. p.197-205. Disponível em: <[www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=1912](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1912)>. Acesso em: 10 mai 2017.

\_\_\_\_\_. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v.2, n.1, p.9-42, jan. 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. O museu de cidade e a consciência de cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARAENS, Cêça (org). **Museus e Cidade. Livro do Seminário Internacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p.256-282. (Livros do Museu Histórico Nacional, v.2).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, n.10, dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>> Acesso em: 05 nov. 2017.

OLIVEIRA, Tânia Ramos de. **Da estação de veraneio à cidade atual:** a identidade de Canoas. 2003. 35f. Monografia de Especialização em História Contemporânea, Unilasalle, Canoas, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.27, n.53, p.11-23, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002)> Acesso em: 05 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Culturas e representações: uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v.13, n.23/24, jan./dez. 2006. p.45-58. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6395/3837>> Acesso em: 11 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Mudanças Epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: \_\_\_\_\_. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.39-62.

PFEIL, Antonio Jesus. **Canoas:** anatomia de uma cidade I. Canoas: Ponto & Vírgula, 1992. 337 p.

\_\_\_\_\_. **Canoas:** anatomia de uma cidade II. Canoas: Ponto & Vírgula, 1995. 523 p.

PINHEIRO, Marcos José. **Museu, Memória e Esquecimento**: Um Projeto da Modernidade. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004, 262p. [Coleção Engenho&Arte].

POSSAMAI, Zita Rosane. Cidade: escritas da memória, leituras da história. \_\_\_\_\_(Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p. 209-219.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: Est Edições, 2001. 144p.

PREFEITURA DE CANOAS. **Hino, bandeira e brasão**. Disponível em: <<http://canoas.rs.gov.br/site/home/pagina/id/14>> Acesso em: 2 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Parque dos Rosa será entregue nesta quinta-feira (10)**, 08 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/124248>> Acesso em: 02 out. 2017.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... **Revista estudos históricos**, v.11, n.21, p. 35-42, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2068>> Acesso em: 28 nov. 2017.

ROSA, Edson Barcellos da. **Edson Barcellos da Rosa**. Entrevista IV. [nov.2017]. Entrevistadora: Julia Maciel Jaeger. Porto Alegre, 2017. 1 arquivo .mp3 (9 min)

SALGADO, Ivone; PICCINATO Jr., Dirceu. Terra urbana: a relação das instituições religiosa e pública no controle do patrimônio fundiário original da cidade de Biritizal/SP. **Cadernos Proarqu**, Rio de Janeiro, n.18, jul. 2012. Disponível em: <[http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista/public/docs/Proarq18\\_TerraUrbana\\_IvoneJunior.pdf](http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista/public/docs/Proarq18_TerraUrbana_IvoneJunior.pdf)> Acesso em: 2 out. 2017.

SANTOS, Eliete. <di\*\*\*\*\*@gmail.com>. **Entrevista sobre o Museu Hugo Simões Lagranha**. 16 out. 2017. Mensagem para <ju\*\*\*\*\*@gmail.com> em 26 out. 2017.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A procura da alma encantadora da cidade. In.: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Orgs.). **Museus, coleções e patrimônios**: Narrativas Polifônicas. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2007. p.349-361.

SCHEINER, Tereza. **Disciplina Comunicação em Museus 1, texto n.03**: museus e exposições (apontamentos para uma teoria do sentir). Rio de Janeiro: UNI-RIO, 2001. Apostila de sala de aula, não paginada.

\_\_\_\_\_. Museologia e apresentação da realidade. **XI Encuentro Regional del ICOFOM LAM**, Equador, 2002. p. 96-105.

SILVA, Jeison. Casa dos Rosa começa a ser restaurada. **Diário de Canoas**, 20 ago 2015. Disponível em: <[http://www.diariodecanoas.com.br/\\_conteudo/2015/08/noticias/regiao/205595-casa-dos-rosa-comeca-a-ser-restaurada.html](http://www.diariodecanoas.com.br/_conteudo/2015/08/noticias/regiao/205595-casa-dos-rosa-comeca-a-ser-restaurada.html)> Acesso em: 02 out. 2017.

SILVA, João Palma da. **As origens de Canoas**: conquista, povoamento, evolução. 4. ed. Canoas: La Salle, 1989. 241p.

SILVA, Wellington Ricardo Machado da. **Museu, exposição e cidade**: o caso do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Porto Alegre, RS. 2015. 62p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/134678>. Acesso em: 10 out. 2017.

UZEDA, Helena Cunha de. Os museus de cidades e o processo de interpretação da memória dos centros urbanos. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v.9, n.2, 2016. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/530>> Acesso em: 11 mai. 2017.

VASCONCELOS, Émerson. Centenário de nascimento de Sezefredo Azambuja Vieira. **O Timoneiro**, 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://otimoneiro.com.br/centenario-de-nascimento-de-sezefredo-azambuja-vieira/>> Acesso em: 10 out. 2017.

VELOSO, Mariza. O museu como espaço público. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARÃES, Cêça (Orgs.). **Museus&cidades**: Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p.103-122.

VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade**: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959). 2011. 184p. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2376/1/430524.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

## APÊNDICE A: CARTA DE APRESENTAÇÃO



Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
 Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO)  
**CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**  
**CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**

---

Porto Alegre, xx de setembro de 2017.

Prezado(a),

[nome da pessoa]

*A CIDADE NO MUSEU: Representações da cidade de Canoas/RS no Museu Hugo Simões Lagranha* é o título provisório do trabalho que estou realizando para a conclusão do curso de graduação em Museologia. Sob a orientação da Profa. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria, investigo a exposição histórica do Museu supracitado e como a cidade de Canoas é representada na mesma.

Em 2014/1, ao entrar no curso de Museologia e ter contato com discussões sobre patrimônio, passei a me interessar mais pelo patrimônio histórico e cultural da minha cidade, Canoas, sendo o Museu Hugo Simões Lagranha e a Casa dos Rosa dois desses. Estava no final do 6º semestre do curso de Museologia quando a Casa dos Rosa foi inaugurada, e tão logo fui visitá-la. A partir dessa experiência, surgiu o interesse para realizar esta pesquisa, que busca responder as seguintes questões: Qual é a representação da cidade de Canoas na exposição histórica do museu? Como se deu a construção da narrativa expográfica acerca da história da cidade? Que materialidades foram selecionadas para construir essa memória? Quais os sujeitos envolvidos no projeto? Há a produção de uma identidade local?

Acredito que o/a Senhor/Senhora poderá enriquecer este trabalho, respondendo a determinadas questões. Caso aceite colaborar, peço que assine a autorização de participação nesta pesquisa. As questões serão respondidas mediante entrevista, a ser realizada com agendamento prévio, conforme sua disponibilidade.

Atenciosamente,

Julia Maciel Jaeger

Estudante do Curso de Museologia da UFRGS

## APÊNDICE B: DOCUMENTO DE AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO



### AUTORIZAÇÃO

Eu, ....., abaixo assinado, concordo em participar como sujeito colaborador da pesquisa desenvolvida por Julia Maciel Jaeger para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Museologia, sob orientação da Profa. Ana Carolina Gelmini de Faria. Fui devidamente informado e esclarecido sobre o estudo, que tem como título provisório *A CIDADE DO MUSEU: Representações da cidade de Canoas/RS no Museu Hugo Simões Lagranha*. Sendo assim, autorizo a utilização das informações e documentos que concedi à pesquisadora, incluindo sua reprodução total ou parcial no TCC, em suporte papel ou digital, com a finalidade de colaborar com o estudo. Recebi uma cópia desta Autorização.

- ( ) Autorizo ser identificado pelo meu nome.  
( ) Não autorizo ser identificado pelo meu nome.

Porto Alegre, ..... de ..... de 20..... .

---

Assinatura do entrevistado



## **APÊNDICE C: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS - SUJEITOS 1**

### **HISTÓRICO DO MUSEU HUGO SIMÕES LAGRANHA**

1. Durante quais anos você trabalhou na Secretaria da Cultura da Prefeitura Municipal de Canoas e qual era o cargo?
2. Qual era o seu envolvimento com o Museu Municipal Hugo Simões Lagranha?
3. Como foi o processo de criação do Museu? Saberá informar quais profissionais e agentes estavam envolvidos? Fale um pouco sobre o que sabe e presenciou acerca da história dessa instituição.
4. Saberá informar como os acervos do Museu foram adquiridos? Como se deu a seleção dos objetos que foram incorporados no acervo?
5. Saberá informar como se dava a rotina do Museu durante o período em que trabalhava no local?
6. Saberá informar como eram realizadas as exposições, e se havia ações educativas promovidas pelo Museu?
7. Havia parcerias entre o Museu, o Arquivo e a Biblioteca? Como se dava essa dinâmica?
8. Saberá informar se havia a realização de pesquisas no acervo da instituição? Quem as realizava?
9. Saberá informar como se configurava a reserva técnica da instituição?

**APÊNDICE D: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS – SUJEITOS 2**

TEMA	ENTREVISTADO	PERGUNTAS
<p style="text-align: center;"><b>HISTÓRICO DO MUSEU</b></p>	<p style="text-align: center;">Historiador</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como se originou o Museu Hugo Simões Lagranha?</li> <li>- Quando você começou a trabalhar no Museu Hugo Simões Lagranha e como funcionava a instituição na época?</li> <li>- Você saberia informar como se configurava a exposição na sede dividida com a Biblioteca e Arquivo? Havia parcerias com o Arquivo e com a Biblioteca, ou apenas dividiam a sede?</li> <li>- Você saberia informar quais as ações que o museu promovia na antiga sede para além da exposição de longa duração? Qual era o perfil de público recebido?</li> <li>- Como se constituiu a equipe do museu ao longo de sua trajetória?</li> <li>- Há a realização de pesquisas no acervo da instituição? Quem as realiza?</li> <li>- Qual o perfil do acervo incorporado na instituição?</li> </ul>
	<p style="text-align: center;">Estagiária</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando você começou a trabalhar no Museu Hugo Simões Lagranha e como funcionava a instituição na época?</li> <li>- Que atividades desempenhou durante seu estágio?</li> <li>- Você saberia informar como se configurava a exposição na sede dividida com a Biblioteca e Arquivo?</li> <li>- Você saberia informar quais as ações que o museu promovia na antiga sede para além da exposição de longa duração? Qual era o perfil de público recebido?</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>PROCESSO DE TRÊNSFERÊNCIA DE SEDE</b></p>	<p style="text-align: center;">Historiador</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como se deu a escolha de inserir o Museu Hugo Simões Lagranha no projeto de revitalização da Casa dos Rosa?</li> <li>- Como se deu o processo de transferência da sede do Museu?</li> <li>- Quais foram os profissionais envolvidos nesse projeto?</li> <li>- Qual a dinâmica entre o Museu Hugo Simões Lagranha e a Casa dos Rosa, tendo em vista que o primeiro foi incorporado no segundo?</li> </ul>

	Estagiária	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como se deu o processo de transferência da sede do Museu?</li> <li>- Quais foram os profissionais envolvidos nesse projeto?</li> <li>- Qual a dinâmica entre o Museu Hugo Simões Lagranha e a Casa dos Rosa, tendo em vista que o primeiro foi incorporado no segundo?</li> </ul>
	Arquiteta	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conte um pouco sobre sua trajetória profissional e como chegou a fazer parte do projeto de revitalização da Casa dos Rosa.</li> <li>- Como se deu a escolha de inserir o Museu Hugo Simões Lagranha no projeto de revitalização da Casa dos Rosa?</li> <li>- Como se deu o processo de transferência da sede do Museu?</li> <li>- Quais foram os profissionais envolvidos nesse projeto?</li> </ul>
<b>CONCEPÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE NOV/ 2016-SET 2017</b>	Historiador	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como foi pensada a concepção da exposição histórica do Museu Hugo Simões Lagranha na Casa dos Rosa?</li> <li>- Foi realizado um projeto expográfico para a exposição histórica do museu?</li> <li>- Quais foram as motivações na escolha de temática da exposição e nome das salas expositivas?</li> <li>- Quais histórias e narrativas da cidade de Canoas foram escolhidas para estarem presentes na exposição histórica e por quê?</li> <li>- Na sua opinião, que representação de cidade os objetos expostos evocavam?</li> <li>- Qual perfil de público o Museu Hugo Simões Lagranha costuma receber após sua transferência para a Casa dos Rosa?</li> <li>- Quais as reações e opiniões expressadas pelo público ao visitar o Museu Hugo Simões Lagranha? É possível identificar como o público percebe a cidade através da exposição?</li> <li>- Houveram trocas e novas inserções de objetos na exposição histórica nos últimos meses. Por quê? Essas mudanças foram sistematizadas?</li> </ul>

	Estagiária	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como foi pensada a concepção da exposição histórica do Museu Hugo Simões Lagranha na Casa dos Rosa?</li> <li>- Foi realizado um projeto expográfico para a exposição histórica do museu?</li> <li>- Quais foram motivações na escolha de temática da exposição e nome das salas expositivas?</li> <li>- Na sua opinião, quais as representações de cidade o Museu Hugo Simões Lagranha se propõe a apresentar enquanto instituição cultural de Canoas?</li> <li>- Quais histórias e narrativas da cidade de Canoas foram escolhidas para estarem presentes na exposição histórica e por quê?</li> <li>—Na sua opinião, que representação de cidade os objetos expostos evocam?</li> <li>- Qual perfil de público o Museu Hugo Simões Lagranha costumava receber após sua transferência para a Casa dos Rosa?</li> <li>- Quais as reações e opiniões expressadas pelo público ao visitar o Museu Hugo Simões Lagranha? É possível identificar como o público percebe a cidade através da exposição?</li> <li>- Na sua opinião, qual o papel do Museu Hugo Simões Lagranha na construção/desconstrução do imaginário da cidade e produção de uma identidade local?</li> </ul>
	Arquiteta	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como foi pensada a concepção da exposição histórica do Museu Hugo Simões Lagranha na Casa dos Rosa?</li> <li>- Foi realizado um projeto expográfico para a exposição histórica do museu?</li> <li>- Quais foram as motivações na escolha de temática da exposição e nome das salas expositivas?</li> <li>- Quais histórias e narrativas da cidade de Canoas foram escolhidas para estarem presentes na exposição histórica e por quê?</li> <li>-Na sua opinião, que representação de cidade os objetos expostos evocam?</li> <li>- Na sua opinião, qual o papel do Museu Hugo Simões Lagranha na construção/desconstrução do imaginário da cidade e produção de uma identidade local?</li> </ul>

<b>EXPOSIÇÃO PRIMAVERA DOS MUSEUS 2017</b>	Historiador	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O tema da Primavera dos Museus desse ano é “Museus e suas Memórias”. Como foi a concepção da exposição que foi planejada para essa data, a “Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha: Dois homens, uma cidade e um museu”?</li> <li>- Como se deu a parceria com a Universidade Lasalle nesse projeto?</li> <li>- Como se deu o critério de escolha temática?</li> <li>-Quais as memórias dos prefeitos selecionados são evidenciadas a partir dos objetos em exposição??</li> <li>- Na sua opinião, quais as representações de cidade o Museu Hugo Simões Lagranha se propõe a apresentar enquanto instituição cultural de Canoas?</li> <li>- Na sua opinião, qual o papel do Museu Hugo Simões Lagranha na construção/desconstrução do imaginário da cidade e produção de uma identidade local?</li> </ul>
	Assessor de Gestão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O tema da Primavera dos Museus desse ano é “Museus e suas Memórias”. Como foi a concepção da exposição que foi planejada para essa data, a “Sezefredo Azambuja Vieira e Hugo Simões Lagranha: Dois homens, uma cidade e um museu”?</li> <li>- Como se deu a parceria com a Universidade Lasalle nesse projeto?</li> <li>- Como se deu o critério de escolha temática?</li> <li>-Quais as memórias dos prefeitos selecionados são evidenciadas a partir dos objetos em exposição?</li> <li>- Que ações o Museu vêm desenvolvendo para além das exposições durante esse ano?</li> <li>- Na sua opinião, quais as representações de cidade o Museu Hugo Simões Lagranha se propõe a apresentar enquanto instituição cultural de Canoas?</li> <li>- Na sua opinião, qual o papel do Museu Hugo Simões Lagranha na construção/desconstrução do imaginário da cidade e produção de uma identidade local?</li> </ul>

# ANEXO 1 - Planta baixa da Casa dos Rosa



Fonte: Museu Hugo Simões Lagranha.

## **ANEXO 2 - Marcos da linha do tempo**

**1725** – Chegada dos tropeiros lagunistas, dentre eles o pioneiro Francisco Pinto Bandeira.

**1835** – Revolução Farroupilha.

**1836** – O Coronel Vicente Ferrer e seu filho Diogo são assassinados em terras da Fazenda do Gravataí, atual Canoas.

**1838** – Santos Ferreira casa com Maria Luiza da Silva Freira, filha de Dona Rafaela. Inicia a redação de seu memorável diário.

**1855** – Nasce Antônio Lourenço Rosa.

**1871** – Início da construção da ferrovia que mais tarde ligaria Porto Alegre à São Leopoldo.

**1874** – Conclusão da primeira etapa da estrada de ferro Porto Alegre São Leopoldo, passando pelo Capão das Canoas.

**1884-1885** – Visita da Princesa Isabel e seus filhos à Morretes, com passagem pelo Capão das Canoas.

**1887** – Antônio Lourenço Rosa casa-se com Josefina da Rocha.

**1894** – A família Rosa adquire lote conhecido como Chácara dos Rosa.

**1908** – Canoas é elevada a Capela Curada. Irmãos lassalistas chegam e fundam uma escola agrícola.

**1910** – Morre Antônio Lourenço Rosa.

**1912** – Canoas passa a ser sede do 4º Distrito de Gravataí.

**1934** – Nova estação ferroviária é inaugurada junto à rua Victor Barreto.

**1935** – A energia elétrica chega em Canoas.

**1938** – Elevação de Canoas à vila.

**1939** – Canoas conquista sua emancipação.

**1949** – Doutor Décio Rosa doa terras para a construção do Hospital Nossa Senhora das Graças.

**1953** – Incêndio do Prédio Silveira, onde funcionava a Prefeitura Municipal. O Paço Municipal, à Rua XV de Janeiro, é construído no mesmo ano.

**1963** – Hugo Simões Lagranha é eleito prefeito de Canoas.

**1964** – Golpe militar.

- 1968** – Inauguração do Monumento do Avião, oferecido pela Força Aérea Brasileira, na Praça Cinquentenário La Salle.
- 1968** – Instalação da Refinaria Alberto Pasqualini na antiga Fazenda da Brigadeira.
- 1973** – Inauguração dos reservatórios da CORSAN Taças.
- 1977** – A Praça Cinquentenário La Salle recebe o nome de Praça Santos Dumont (Praça do Avião).
- 1979** – Falecimento do Doutor Décio Rosa.
- 1980** – Criação do Parque Getúlio Vargas (Capão do Corvo).
- 1981** – Inaugurado o Parque Eduardo Gomes.
- 1985** – Inaugurado o Trensurb, conectando Canoas à Região Metropolitana.
- 1987** – Inicia-se a ocupação do bairro Guajuviras.
- 1992**- Emancipação de Nova Santa Rita.
- 2009** – Tombamento da Vila Mimosa, da Vila Nenê e da Casa dos Rosa.
- 2013** – Casa dos Rosa é oficialmente cedida ao Município, sendo destinada a ser um Centro Cultural.
- 2014** – Elaboração do projeto arquitetônico de restauro da Casa dos Rosa.
- 2015** – Início das obras de restauração da Casa dos Rosa.
- 2016** – Conclusão da obra e inauguração da Casa dos Rosa como sede do Museu Municipal.

Fonte: Museu Hugo Simões Lagranha. Documento produzido pela autora a partir da linha do tempo exposta no Museu.